



Caderno de Literatura

24



Caderno de Literatura

24

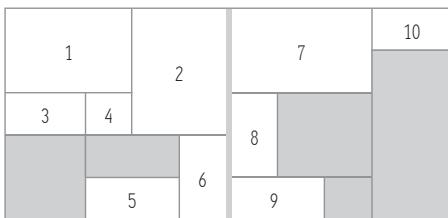
© dos autores

Todos os direitos reservados para AJURIS

Capa, projeto gráfico e diagramação: Imagine Design

Impressão: Gráfica Pallotti

Fotografias da capa:



1 e 6 - André Luís de Aguiar Tesheimer

2, 7 e 9 - Sidinei Jose Brzuska

3 e 5 - Rosane Bordasch

4 e 10 - Bráulio Marques

8 - Renato Vieira Ohlweiler

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Pública do Estado do RS, Brasil)

C122 Caderno de literatura da AJURIS nº 24. / Adair Philipsen e outros. – Porto Alegre : AJURIS, 2015.
136 p.

ISBN 978-85-99620-05-2

1. Literatura brasileira – miscelânea. 2. Literatura sul-rio-grandense – miscelânea. I. Título.

CDU 869.0 (81)-822



Caderno de Literatura

24



AMOR, POESIA E JUSTIÇA

Saúdo a meus colegas, associados e leitores. Sejam bem-vindos ao 24º Caderno de Literatura da AJURIS, uma pequena ilha que respeita e incentiva a arte escrita entre magistrados, já conhecidos das letras, agora transformando-a em literatura.

Acredito na arte e na cultura como um estado de lucidez, um grande sonho que nos custa despertar enquanto muitos permanecem adormecidos. É um estado de alerta da consciência.

Acredito na necessidade da cultura como caminho até a liberdade, toda poderosa, assim como acredito na grande escritura dos democratas que é nossa Constituição da República, proteção da cidadania e do próprio movimento artístico e cultural.

Este espaço faz essa aproximação, das pessoas do mundo da lei com a arte e isso é louvável e muito interessante sob o todo espectro de consequências que daí emanam. Juízes e pessoas sensíveis à arte e à cultura é o que precisamos nesta sociedade que parece perdida em seus rumos.

Muitos anos de cultura nos contemplam. E essa inspiração tem que ser protegida e incentivada. Uma lástima que muitos não percebam isso. E quando os maus servem de exemplo, como se sucede nos tempos de hoje, com mais força ainda temos que defender o bem, a verdade, a docura, o justo, o trabalho, a arte, a cultura e os espaços que respeitam essa inspiração, longe da perversidade daqueles que colocam em seu lugar o mercado, sacerdote de barro.

Temos que potencializar Aparício Silva Rillo, Érico Veríssimo, Lupicínio Rodrigues, João Simões Lopes Neto, Vasco Prado, Arthur Bonilla, Jayme Caetano Braun, Pessoa, Jobim, Vinicius, Neruda, Afif Jorge Simões Filho, Caé Braga, Adair Philippsen, Claudio Brito, Daniel Neves Pereira, Claudio Cupertino, Fábio Vieira Heerdt, Graça Creidy,

Felipe Valente Selistre, João de Almeida Neto, José Adelar Finatto, Leonel Pires Ohlweiler, Lúcio Yanel, Newton Luís Fabrício, Sidinei Bruzuska, Yamandu Costa, Tadeu Martins, Talai Djalma Selistre, Tina Felice, Zuppo, Adroaldo Furtado Fabrício, Antonio Silvestri, Arno Werlang, Braulio Marques, Breno Brasil Cuervo, Carlos Alberto Bencke, Cassiano Rodka, Claudete Morsch Pereira Soares, Emanuel Medeiros Vieira, Genacéia da Silva Alberton, Ícaro Carvalho de Bem Osório, Jaime Vaz Brasil, Jocelaine Teixeira, José Carlos Teixeira Giorgis, José Nedel, Leonel Pires Ohlweiler, Letícia Wierzchowski, Luciano Bertolazi Gauer, Luiz Antônio Corte Real, Mafalda dos Santos, Mario Romano Maggioni, Mauricio da Rosa Ávila, Miguel Antonio Juchem, Mirela Ramos de Oliveira, Nei Pires Mitidiero, Newton Fabrício, Rafael Diehl Fabrício, Rosa Maria Weber, Rosane Ramos de Oliveira Michels, Silvia Opitz e outras tantas estrelas que podemos tocar.

A todos esses viajantes escritores, compositores, pintores, românticos, impressionistas, modernistas e musicais, que tornam nossa jornada mais humana, muito obrigada pelas obras e parceria. A Teitelbaum, nosso agradecimento pelo incentivo que possibilitou a realização desse Caderno.

Caminhemos com amor, poesia e com justiça, pois é para isso que estamos aqui.

Boa leitura!

Jane Maria Köhler Vidal
Vice-presidente cultural da Ajuris

Sumário

ADAIR PHILIPPSEN

Dicas para viajantes | **12**

ADROALDO FURTADO FABRÍCIO

Sic vos non vobis... | **16**

AFIF JORGE SIMÕES NETO

Vitalino guedes, o vidente | **20**

Já pelas tabelas | **22**

ANTONIO SILVESTRI

Doutor viril e os caras | **26**

ARNO WERLANG

O vinho dos padres | **30**

BRAULIO MARQUES

...Pero que las hay, las hay | **34**

BRENO BRASIL CUERVO

Você se lembra quem você é? | **38**

CARLOS ALBERTO BENCKE

Comer filé ou carne de pescoço, eis a questão | **42**

CASSIANO RODKA

Esteja presente | **46**

CLAUDETE MORSCH PEREIRA SOARES

"O inferno somos nós" | **48**

CLÁUDIO BRITO

Voto salvador | **54**

EMANUEL MEDEIROS VIEIRA

Exílio* | **58**

FABIO VIEIRA HEERDT

A solidão do arco | **60**

GENACÉIA DA SILVA ALBERTON

Não quero flor de plástico | **64**

ÍCARO CARVALHO DE BEM OSÓRIO

Utzig e o sopro | **66**

JAIMÉ VAZ BRASIL

Nosso tio, Tenente Alfredo Nunes, contava histórias | **70**

JOCELAINE TEIXEIRA

Trabalho noturno | **74**

JOSÉ CARLOS TEIXEIRA GIORGIS

Réquiem para uma flor | **78**

JOSÉ NEDEL

Semeadura | **82**

LEONEL PIRES OHLWEILER

Velhas canetas | **84**

LETICIA WIERZCHOWSKI

Duvido, logo existo | **88**

LUCIANO BERTOLAZI GAUER

Retratos de um interior (des)conhecido | **90**

LUIZ ANTÔNIO CORTE REAL

Teimosia | **94**

MAFALDA DOS SANTOS

A prosa que busquei nos versos | **96**

Distração | **97**

MARIO ROMANO MAGGIONI

Eu vi dois anjos | **100**

MAURICIO DA ROSA ÁVILA

Querência | **104**

MIGUEL ANTONIO JUCHEM

Lara | **108**

MIRELA RAMOS DE OLIVEIRA

Adônis, seu Fagundes e os extraterrestres | **112**

NEI PIRES MITIDIERO

Castelos de areia | **116**

Quintana | **119**

Newton Fábrício

La magna carta del hombre | **122**

A poderosa verdade - que não sabe o condor | **124**

Rafael Diehl Fábrício

Não importa a distância da estrada | **126**

Rosa Maria Weber

No limiar da consciência | **128**

Trégua | **129**

Rosane Ramos de Oliveira Michels

Saldo insuficiente | **132**

Silvia Opitz

Pedido | **136**



ADAIR PHILIPPSEN

Magistrado aposentado.

DICAS PARA VIAJANTES

Para quem pretende viajar, seguem alguns lembretes básicos.

O Rio, em fevereiro, é bem melhor que o de janeiro.

Aproveite as baladas de sábados em São Domingos e depois encara Ancara.

Mantenha-se sempre calmo em Estocolmo, nada triste em Trieste e pouco palerma em Palermo ou cabuloso em Cabul. Além disso, nada de orgia na Georgia ou agito no Egito.

Faça de tudo para não dublar em Dublin e sair em Nantes antes do fim. Qualquer deslize a polícia de Jacarta já corta a permanência.

Cuidado com longas caminhadas para evitar risco ao coração em Curaçao e às pernas em Berna ou então câimbra em Coimbra. Cuidado especial com a radiação de polônio na Polônia, as granadas em Granada, as 7 pragas em Praga, a azia na Ásia e a malária na Malásia.

Não dê uma de jerico em Jericó e nem se meta a soldado de araque no Iraque, até pra não ficar pra lá de Bagdá.

Sob o sol do Canadá e do Canal do Panamá, use chapéu panamá.

A título de sugestão de souvenires, traga livros de Parati para todos, sêmen do Iêmen e ímã de Amã.

Troque os pneus em Pirineus e adquira mudas de flores em Florença.

Aconselha-se os turistas a entrarem barbeados em Barbados e, lógico, de bermuda nas Bermudas. Já elas serão cortejadas se usarem guirlanda na Irlanda.

Ainda sobrevivem perus na Índia e índios no Peru.

Na China, o gaúcho encontrará a china de seu agrado, séria igual à da Síria e mais bela que as bruxas de Bruxelas.

Evite supor que sejam velhos os tigres de Bengala, que o Chipre fica no Chifre da África e que só existam canários nas Ilhas Canárias.

Não se tira lasca das geleiras do Alasca nem se pisa no gramado da

Torre de Pisa, não se mancha o Canal da Mancha nem se usa ou abusa da liberdade em USA.

Mas é possível catar pérolas no Catar, curar as cataratas em Iguacu e ouvir músicas ao som de maracas em Caracas.

Na França, óbvio, louve o Louvre.

Experimente as bananas de Bahamas, a água da Nicarágua, as sardinhas da Sardenha, a goma de mascar de Madagascar, o sanduíche das Ilhas Sandwich, a romã de Roma, a sopa persa e a rã de Irã, o chá de marcela de Marselha, o melão de Milão, a carne de galinha d'angola em Damasco e o damasco de Angola.

Por fim, lembrem-se, só no Congo para ser salvo pelo gongo. O encantamento adubai em Dubai e nunca xingai em Xangai.



ADROALDO FURTADO FABRÍCIO

Desembargador aposentado, jurista, advogado e ex-presidente do TJRS.

SIC VOS NON VOBIS...

*Sic vos non vobis nidificatis aves;
Sic vos non vobis vellera fertis oves;
Sic vos non vobis mellificatis apes;
Sic vos non vobis fertis aratra boves.*
(Publius Vergilius Maro, 70-19 aC)

Sei, de latinório nos basta e sobra o dos nossos juristas. Mas estes vetustos versos nunca terão a mesma sonoridade, sabor e encanto em qualquer outro idioma. Não custa tentar: os bois que aram a terra não desfrutarão da colheita; os ninhos tecidos pelas aves não são só para elas; ovelhas produzem lã que não servirá para o seu próprio agasalho; não é para deleite seu que as abelhas fazem o milagre do mel...

Quando Vergílio escreveu seus versículos célebres, queria expressar sua indignação por ver que um impostor levara a glória e o prêmio por um escrito dele. Ao revés do que seria fácil pensar, o plágio e o furto intelectual não foram criados pela rede mundial, que apenas os facilita; são tão velhos quanto os outros vícios do homem, muitos deles amplificados e banalizados, isto sim, pelas facilidades de reprodução e de comunicação.

O poeta estava plenamente justificado na sua indignação. Nada nos pertence tão absoluta e genuinamente quanto a nossa criação, o produto do engenho e arte que exercitamos para introduzir algo novo, se possível belo, na mesmice deste nosso mundo feio. Essa é a única ação humana que se pode talvez comparar ao empreendimento de conceber e parir (que nós homens tanto invejamos, disfarçando o despeito sob a couraça do machismo e da falocracia).

Quem já sofreu esse tipo de esbulho – cada vez mais generalizado e descarado – conhece a revolta que ele causa. Quem se apropria do produto da inteligência e da criatividade alheias subtrai um bem maior do que a

mera *coisa alheia móvel* do Código Penal, que em regra pode ser substituída e apenas circunstancialmente (não intrinsecamente) pertence ao dono. O que alguém acrescenta ao mundo é seu no mais exato e completo sentido, para sempre, por mais universal que se torne o seu domínio, como o da poesia de Publius Vergilius.

Quando o ainda desconhecido vate romano viu um falsário engran-decido e recompensado pelo que não fizera nem lhe pertencia, expressou sua indignada inconformidade pelo meio que lhe era próprio, a arte da palavra. Os quatro versinhos, como a Eneida e o restante de sua obra, atravessaram os milênios e nos chegam intactos; o nome do impostor apenas ultrapassou o seu tempo à sombra dele, ao modo de parasita e sem outra referência que não essa, a da sua infâmia. A História fez justiça, como faz quase sempre.

(Às vezes, demora. Norman Shumway desenvolveu em Stanford a teoria e a técnica do transplante cardíaco, experimentou-o em animais e chegou a anunciarlo em humanos. Mas o esperto e performático Christiaan Barnard, que chupara sua pesquisa, tomou-lhe a frente e colheu os louros, ganhando notoriedade, a capa da *Time* e até um rumoroso *affaire* com uma diva do cinema.)

Ainda assim, por muito que nos encante a sutileza e genialidade do poeta em sua reação à vilania, o episódio comporta outra leitura, talvez mais generosa e positiva, para o *sic vos non vobis*. Escassa é a valia do que construímos para nós, ou só para nós. Como a das abelhas e a das aves, a obra humana só adquire transcendência quando influí sobre outras vidas e destinos, quando contribui para algum tipo de riqueza externa ao seu autor. O enriquecimento deste, econômico ou outro, justificado e legítimo que seja, não projetará efeitos para além de duas ou três gerações.

Não importa qual seja essa obra. Cada ser humano pertence à humanidade e ao universo, deles depende e para eles vive; terá o tamanho e a importância que tiver sua contribuição. A serviçal que limpa teu banheiro (não para ela!), o médico que te mantém vivo, até aquela atendente chatíssima que "vai estar passando" a tua ligação são mais importantes para

ti do que os potentados que frequentam a coluna social (e tão facilmente resvalam para a policial).

A consciência de que somos parcela de uma integralidade, de que nos afeta o que os outros são e fazem, assim como nossas ações e modos importam aos demais seres humanos, à vida e à natureza toda, representa a garantia única de nossa humanidade. Como todos os outros seres, vivos ou inanimados, podemos ser esmagados pelo Universo; a diferença é só essa, um pobre consolo: nós sabemos que ele nos esmaga (Blaise Pascal). Temos a bênção, os tormentos e o compromisso da consciência.

Nosso mundo contemporâneo, midiático e oportunista, valoriza o momento e a aparência acima da essência e da perenidade. A onipresença do *fast food* cultural e da novidade a todo custo repele a noção de valores mais duradouros e os postulados da diversidade, da tolerância, da convivência dos opostos. A ditadura da propaganda, da comunicação massiva e do politicamente correto, dispensando-nos da racionalidade, a todos nós reduz e imbeciliza, como recentemente advertiu Umberto Eco.

Não somos Vergílio e não temos o seu estro. Nossa marca no mundo não vai durar os mais de vinte séculos que a dele já perpassou. Mas, enquanto estamos aqui, temos a oportunidade e o dever de contribuir e reconhecer a contribuição alheia. Não ferir a ninguém, viver honestamente e dar a cada um o que é seu, antes de ser uma regra moral e a pedra angular da Justiça, é um imperativo de sobrevivência. Essa pode ser, ao fim e ao cabo, a Ética toda, para além das religiões, mitos e filosofias.



AFIF JORGE SIMÕES NETO

Magistrado no RS.

VITALINO GUEDES, O VIDENTE

Vitalino Guedes da Conceição é como me apresento, desde terreira de saravá até saleta de desembargador. Nascido me palpita que perto de algum acampamento cigano, pois também leio a mão e aprecio dente de ouro. Alcaide que nem eu vai amiudando o passo e acaba lendoso, mas alguma coisa que falam de mim guarda retalhos de verdade.

Sou perito em pendências espirituais e passe de trivela. Não tenho terreira de meu nem dou consulta em hotel de hospedagem, pois não estimo qualquer confiança tomada comigo em ambientes de trânsito de mala e carregador.

Não sou muito manso de linguajar e escrita ao comprido e me apece quizilícia com lagarto, cachorro, pedreiro, governo, onça e bicho do mato.

Sobre as questões mundeiras, vão aqui os meus traquejos, já desbotados pela trafegagem dos anos.

Nos casos de pedido de emprego na prefeitura, vou ensinar uma simpatia: escreve o nome completo do candidato em um papel de pão d'água grande, daqueles da Padaria Cruzeiro. Depois, pega uma cambona feita de azeite Primor e coloca o papel do indigitado com o nome dentro – não o teu, equino, mas o do pretendente. Aí, acrescenta uma colher de mel de lichiguana nas bordas do pires. Reza duas Salve Rainha em frente ao copo, após o galo carijó pena de seda do vizinho cantar em mi maior. Quando arrumar o emprego, joga a água quente da cambona pelo lombo, pegando a veia-artéria do pescoço em direção adonde o espinhaço atende por outra alcunha.

Adianto que demandas de lençol com bichinho tenro requerem muita tenência no proceder, mas depois que a capivara fica veia, é tempo perdido manobrar em sessões de desgrudança.

Pra filho boletero, o corretivo padrão é sentar o rebenque duas vezes ao dia, a primeira antes do mate. Te garanto que nem chega na min-

guante e o guri já fica desapetitoso das pastilhas envenenadas.

Manhã dessas bateu no consultório um pastor de igreja dizimeira, padecente de inchaço nas ventas e pontada na virilha do lado de montar. Queria saber qual o mastigo mais afeito pros seus incômodos. Antes que sofresse um entrevamento botado, daqueles de fazer grudar o copinho do joelho na maçã do peito, sem falar no quadro bicudo de quebranto que esperava o turuno na esquina dos pormenores, chamei na rédea meus estudos de transumância da propedêutica comparada e deixei o missionário meio à soga, com uma boiazinha de hospital: durante o dia, coisa leve, quando muito uma travessa de feijão mexido com charque de granito e não mais que meia de cana pura do Formigueiro pra abrir o apetite.

Caso desejoso de algum verde, fica liberado um sopão de caturrita; à noite, revirado de fursura com torresmo, socando por riba uma tigela das grandes de leite talhado engrossado com farinha de cachorro.

Talvez a ingerência dessas gulodices pode não lhe trazer um sono dos mais reparadores, mas tá provado pela doutoragem em tripédo que o rebolqueio na cama ajuda no fazimento da digestão, além de floxar as engronhas.

Como o diagnóstico envolvia remédio, repiquei em direção ao plano da resolvência. Aproveitando que era perto do Natal, consultei os três reis magros, que me afiançaram que é medicamento com muita encrena e contrarregra, correndo o consultante sério risco de sucumbência por mau passadiço.

Pra quem quer varar o vestibular, tô em dúvida se fumo e bambo é verbo, substantivo ou o tal de pronome oblíquo. Se não são a mesma tarequeira, tão batendo orelha. Caso troque a morada da cruzinha no caderno das indagagens, te consola: tem gente que nunca passou perto da gramática e chegou a presidente.

Dei uma tenteada no Cacique Tabacudo sobre o ano que vai mercando. Me disse apenas que é tempo sem previsão de golpe, além do de sempre no bolso do povo...

JÁ PELAS TABELAS

Pedem-me otimismo, mas se fosse exigida de mim a oferta da dor causada pelo olho do machado, daria elas por elas. Não me venhas tu de novo com aquelas frases empacotadas, cheias de ecletismo. A sociedade aparvalhada quer saber apenas o que tens a oferecer de proveitoso, além do inútil palavreado sonoro, com cheiro de naftalina. Basta de púlpitos e tribunas. O homem foi embora de si e se perdeu entre os mapas da navegação. O discurso virou uma atividade tão banal quanto as folhas secas que o outono vai varrendo para debaixo das árvores copadas.

A mulher do vilarejo, vinda de parto ocorrido na viatura policial, procura em vão o remédio para controlar a hemorragia uterina, medicamento que o político lhe prometeu perto do palanque. Se ninguém do povo exigiu nada, por que, então, se obrigar a tanto, argumenta o bem-votado, enquanto se afasta da eleitora com a cautela própria dos covardes.

O velho sisudo, de rígida educação recebida em colégio de padre, crítico voraz dos maus costumes, entregou-se de vez à lábia da princesinha do lúpanar. A doação em cartório da casa mobiliada e piscina com azulejo é mera retribuição ao simulado amor que Kelly Andressa sente por Amâncio. Os filhos havidos com a primeira mulher, e ela junto, que arranjam outro lugar para morar. Agora, as atenções mudaram de endereço, e a amásia já deixou claro para o provedor que não vai aceitar gente estranha abrigada sob a mesma carpintaria.

O jogo lancinante das paixões prossegue intenso sobre o pano nau-seabundo das aparências. O gordo imprevisível e o salafrário encurrulado pela jogatina desistiram das apostas, diante do adiantado estado de podridão do sentimento de piedade dedicado ao próximo.

É uma questão de tática a ser empregada no aperfeiçoamento dos negócios escusos, balbucia o da ponta da mesa, insinuando a derrota do amigo contendor, que deu uma saidinha. Foi ao banheiro, vomitar a última fatia de esperança que estava entalada na garganta.

Ninguém é um balaio de ternura. Mora em nós o lado perverso assimilado no contato das ruas. Ou, quem sabe, te imaginas diferente dos demais irmãos de reza e infortúnio? Por falar nisso, nunca é demais trazer à boca o segundo quarteto dos "Versos Íntimos", de Augusto dos Anjos: "Acostuma-te à lama que te espera!/O Homem, que, nesta terra miserável,/Mora, entre feras, sente inevitável/Necessidade de também ser fera".

À tardinha, escuta bem, ó distraído transeunte, o sino da igreja chamando desesperadamente os crédulos para a missa de corpo presente da senhora Dona Fé. Matou-se de tédio, desiludida face às últimas ocorrências...



ANTONIO SILVESTRI

Advogado, professor, filósofo, Mestre em Filosofia do Direito, autor de *A Vila da Fumaça*; *Um Capeta na Vila da Fumaça*; *A Revolta das Caveiras na Vila da Fumaça*; *O Vôo da Serpente e o Tombo do Condor*; entre outros.

DOUTOR VIRIL E OS CARAS

No mundo dos caras, o cara olha pra cara da cara e fala logo de cara: e aí, cara, já é ou já era? A cara encara o cara e bomba: pô, cara, já é; tô pilhando! E os caras se azaram. Minutos depois: nhac, nham, aham, uuuuh, uaauu... aaaaai!

No mundo das Excelências, também erupcionam fervorosos desejos libidinosos. Dr. Viril de Obscenas vislumbra na Dra. Santa Libidinosas a chance de recuperar seu longo jejum carnal. E ataca: Ilma. Sra. Dra. Santa Libidinosas, perdoai-me a ousadia! Sou o Dr. Viril de Obscenas, divorciado, moro na rua 24, nº 69; 1,89m, 90kg, peito cabeludo, corpo musculoso, coxas esculturais, pés modelares, mãos sedosas, olhos graúdos, lábios carnudos... Arecio o vaivém normalmente praticado sobre camas e compareço quando requisitado.

Contraí núpcias, mas o casório fracassou, a paixão esvaiu-se na inércia monótona que o tempo edificou, foi-se sumindo e abismando na distância infinda e quedou-se no vácuo do passado. Há anos trilho caminhos de cruel celibato, enrodilhado nas amarras da escassez do sexo oposto. Busquei, sem sucesso, preencher o jejum do celibato que me martiriza e atormenta, pois sou garanhão de insaciável desejo carnal.

Meu instrumento reprodutor recolheu-se à inoperância e jaz mergulhado na clausura cavernosa dos membros inferiores, em cujo teto escrotal se vê pendurado em profundo sono.

Conhecer suas bem-estruturadas curvas me induz a concluir que V. Sa. preenche os requisitos de que necessito. Concedo-vos o prazo de três minutos para me responder se poderão aproximar-se nossos corpos, onde roçar-se-ão as peles, de forma veludosa, suave e leve, permitindo-se o arrepio dos pelos. Após essas prefaciais, esmaguemo-nos um ao outro, entrelacemo-nos em acalorado fervor de desejos, até que o odor inconfundível oriundo da região feminina do pecado desperte o habitante masculino dos países baixos do seu longo sono quinquenal. E, então, enrijecendo

sua avantajada musculatura, e, de corpo ereto, como convém à espécie, vá até a porta triunfal de acesso à fonte dos prazeres. Cumpridas as formalidades de estilo, far-se-ão sentir erupções, cujas pegajosas e cremosas lavas brancas deslizarão pela floresta peludosa que margeia a região dos despudores.

A velocidade do mundo é a dos caras; a do Judiciário, a do Dr. Viril. Culpa dos juízes! É que há acúmulo; culpa dos juízes! Mas faltam funcionários; culpa dos juízes! Prende-se o ladrão, mas a lei manda soltar, o juiz solta; Culpa do juiz! O mundo evolui; o Judiciário não tem como (a lei não deixa). Culpa do juiz! O mundo está de cara; o judiciário, de Excelência. Culpa do juiz! Pobres juízes! Verdadeiros bombeiros, apagando fogo com mangueiras furadas; às vezes, sem água. Culpa deles!

Alô, Congresso! Precisamos leis atuais! Aí, seu Congresso! Esse bagulho dessa lei aí, pô, tá, tipo assim, já era. A gente queremos uma lei assim, tipo, evoluída. Sacô?



ARNO WERLANG

Desembargador aposentado, advogado, escritor e produtor de azeite de oliva extra virgem.

O VINHO DOS PADRES

Sentado comodamente no telheiro de sua casa em Paris, o ítalo-francês Ângelo Mariani examinava aquelas folhas de coca que um cientista trouxera da América do Sul. Ainda soavam as palavras do colega:

– Mariani, você não tem ideia do que esta substância produz nos índios do Peru. Tem efeitos mágicos e dá força aos nativos para trabalhar na altitude, sem sentir cansaço, fome e sede.

A revelação despertou significativo interesse. Também era químico e conhecia os efeitos que a cocaína podia produzir nas pessoas. O sangue italiano que lhe corria nas veias vislumbrou a possibilidade de negócios.

– Quem sabe não consigo produzir uma bebida a partir das propriedades dessa planta?

Passado um período de experiências, encontrou a bebida ideal, misturando o extrato de folhas de coca a um vinho tinto produzido em Bordeaux.

Mas não era suficiente. Mariani sabia disso. Não bastava ter um produto saboroso, agradável e estimulante, precisava vendê-lo. Faltava encontrar a forma de divulgar a bebida.

– A Igreja é o caminho, pensou. A relação entre o vinho e os padres dispensa comprovação. O vinho é matéria-prima da religiosidade e substância do mistério da metamorfose em sangue de Cristo. São eles que detêm o monopólio da comunicação, pois dão exemplo diário do prazer do seu consumo.

Associou-se ao vaticano. Primeiro ao papa Pio X. Mais tarde Leão XIII e obteve o aval de que necessitava, depois de seduzidos pelos efeitos mágicos que o vinho produzia. O papa Leão XIII simpatizou tanto que autorizou colocar sua fotografia no rótulo da garrafa com o anúncio dos benefícios do seu consumo: *for fatigue of mind and body* (para a fadiga da mente e do corpo).

A mistura, que continha 0,12 gramas de cocaína por litro, em que

três copos diários era suficiente para uma pessoa sentir-se maravilhosamente bem, foi comercializada com o nome de Vinho Mariani.

A aceitação foi tão grande que, em pouco tempo, passou a ser exportado para inúmeros países, inclusive os Estados Unidos, onde causou imediata reação dos concorrentes, em especial, de uma empresa hoje mundialmente conhecida, que na tentativa de conter o êxito do vinho italiano, passou a produzir a Coca-Cola, contendo a mesma substância em sua composição.

O refrigerante foi vendido com cocaína até 1903, quando restou proibida a comercialização naquele país. Revelam fontes que a proibição teria relação com um violento assassinato ocorrido na região de Atlanta, em que foi apurado ter o assassino ingerido grande quantidade do refrigerante. Sem que disso haja confirmação, há até hoje controvérsia sobre a fórmula da Coca-Cola, especulando alguns, que nos dias atuais ela ainda contém cocaína.

O Vinho Mariani acabou sendo proibido no início da Primeira Guerra Mundial, quando foram conhecidos os efeitos do cloridrato de cocaína.

Quer queiram, quer não queiram, foi este, provavelmente, o verdadeiro vinho dos padres.



BRAULIO MARQUES

Deputado estadual constituinte, desembargador aposentado e advogado.

...PERO QUE LAS HAY, LAS HAY

Minha crença em Deus é periclitante: sei que Ele existe, mas não sei como. Não acredito em milagres, mesmo que às vezes fique "abismado" por algum fato ocorrido, sem explicação plausível. Percebo uma certa ordem regulando a vida, mas não obrigatoriamente coerente com minha concepção de ordem. Enfim, tenho consciência de que quase nada sei e adquiri a certeza de que, por mais que me esforce, continuarei sem saber, até o fim.

Foi nessas condições existenciais que me deparei com um caso que impactou esse meu jeito simples de racionalizar a vida.

Em uma manhã alegricense, preparando-me para sair do escritório de advocacia, já há alguns meses descurado pela necessidade de buscar votos para a candidatura a vereador, recebi um apelo da secretaria para que recebesse uma senhora que aguardava, havia bastante tempo, na sala de espera, para ser atendida.

Confesso que, dissimulando a contrariedade pelo inoportuno, fiz entrar no gabinete uma jovem senhora de aproximadamente 40 anos, morena, cabelos pretos lisos e presos em coque, vestida de cinza, com os traços fisionômicos "indiáticos", daquelas mulheres "correntinas", vizinhas do outro lado do Rio Uruguai, que lembro ter visto, tantas vezes, na minha meninice em Uruguiana. Ainda hoje, tenho nítida aquela fisionomia em minha lembrança.

Com voz calma e pausada, comunicou-me que acompanhava, havia tempos, minha vida política e profissional e sabia que podia contar comigo para o que viera me pedir. Seu filho, de 20 anos, acusado por homicídio e recolhido ao Presídio Municipal, seria julgado pelo Tribunal do Júri, dentro em breve, e ela viera pedir que eu patrocinasse a sua defesa.

Disse-me que não dispunha de dinheiro para os honorários, naquele oportunidade, mas que eu acreditasse na sua palavra de honra de que, de alguma forma, pagaria pelos meus préstimos.

Pelas circunstâncias eleitorais então vividas, uma recusa de minha parte pelo serviço estava fora de cogitação. Havia sempre a esperança de que, pelo menos, o voto estaria garantido.

Tomei nota do nome do filho e solicitei à secretária que providenciasse cópia integral do processo, determinando que fosse colocado junto aos demais em pauta para julgamento.

Lembro-me de que, ao se despedir de mim, muito grata, a mãe de meu cliente surpreendeu-me ao dizer que eu não a esqueceria,. De fato, passados quase 40 anos, estou escrevendo sobre sua pessoa e, sobre ela, já foram gastos muitas horas de conversas "ao pé do fogo". Além disso, várias teses já foram desenvolvidas sobre sua aparição em minha vida, pelo que acabou acontecendo. Fica para outra ocasião narrar os detalhes curiosos do julgamento que acabou absolvendo, por sete a zero (naquele tempo se contavam os votos a favor e contra), o filho de minha misteriosa solicitante.

Ao término da sessão do Tribunal do Júri, após os trâmites burocráticos para a liberação do cliente, solicitei que comparecesse ao meu escritório, situado perto do foro, para explicar a ele as causas e as consequências de sua absolvição, as quais pouco entendera. O fundamental, no entanto, ele havia entendido: estava livre.

No escritório, após as explicações que entendi pertinentes, recebi dele o compromisso de que me pagaria pela defesa, ainda que parceladamente, tão logo começasse a receber os salários pelo corte da cana-de-açúcar, no Uruguai, para onde estava se dirigindo.

Disse-lhe, então, que eu o estava isentando do pagamento de honorários uma vez que fizera a sua defesa atendendo ao pedido de sua mãe, que ficara comprometida comigo a esse respeito, quando viera ao escritório solicitar que eu assumisse o seu processo.

De igual forma, como não esqueci a fisionomia da senhora que me procurara no escritório, também nunca mais esqueci o olhar de espanto do jovem, a minha frente, quando, emocionado, disse-me:

- Doutor, eu não tenho mãe. Eu não conheci a minha mãe. A "gente que me criou" disse-me que ela morreu do parto, quando nasci.

Depois disso, nunca mais soube da mãe e do filho. Tenho de reconhecer que poderiam se chamar milagres a proteção recebida nas várias "encrencas" em que me envolvi, na vida e outras "impossíveis" que aconteceram comigo. Alguns dizem que é a "senhora" pagando meus honorários, parceladamente. Outros dizem que é Deus. Pode ser que seja, mas eu prefiro achar que sou "um homem de sorte." Também é possível que o poeta tenha razão quando diz: "*Yo no creo en brujas, pero que las hay, las hay*".



BRENO BRASIL CUERVO

Juiz de Direito aposentado e acadêmico de Psicologia.

VOCÊ SE LEMBRA QUEM VOCÊ É?

Tudo na vida é uma questão de percepção...

Esta história, por exemplo, de direita, centro e esquerda em relação ao espectro ideológico, não passa de pontos de vista, mas vamos convir que pontos de vista bastante limitados se se considerar que todos eles implicam simples deslocamento (ou não) dentro de um mesmo plano.

Então, à pergunta "direita, centro ou esquerda (?)" , penso que uma boa resposta seria: que tal inovarmos para variar? Que tal a perspectiva de uma oitava superior? Sim, para o alto, em vez de para os lados...

É isso. Os tempos, realmente, estão difíceis. Hoje em dia muita gente age e fala como se estivéssemos à beira do precipício em termos de civilização. E alguns o afirmam – assim mesmo – expressa e explicitamente. Eu mesmo estou convencido disso. Já nem falo em BBBs e MMAs ou em "arte" do tipo "O Massacre da Serra Elétrica", "Arraste-me para o Inferno", "A noite (e a baba) dos zumbis" e tantos outros. Afinal, consta que gosto não se discute. Mas o terrorismo cometido em nome de Deus – a suprema inversão de valores – e, especificamente, as decapitações cometidas pelo Estado Islâmico e exibidas na Internet para uma respeitável audiência, parecem – tanto a crueldade explícita e insana como o fato de que há uma audiência cativa para ela – parecem, repito, exemplos emblemáticos do que acabo de dizer.

A esta altura, caberia avançar para outra esfera de questionamento (que, talvez, pudesse ser tomada como fruto justamente de uma perspectiva superior): se é verdade que existe um inconsciente coletivo, como intuiu o gênio de Carl Gustav Jung, serão a banalidade, a corrupção e a violência endêmicas, das quais tanta gente se queixa, simples exteriorização (ou materialização) do conteúdo dessa mente coletiva? Bah!...

Como afirmou o escritor e advogado Sérgio Agra em intrigante artigo de jornal, a verdade (espantosamente óbvia, digo eu) é que a civilização e seus sistemas político-econômicos (capitalismo, neoliberalismo, comunismo e socialismo), assim como os religiosos (fundamentalistas ou não),

fracassaram rotundamente. E o que dizer de nossa toda orgulhosa ciência materialista? De que adianta todo o progresso material se, de fato, ele não se fez acompanhar do imprescindível desenvolvimento moral e espiritual?

Ou, como propõe o psicólogo e antropólogo Roberto Crema, de que adianta ganhar o mundo se eu me perder de minha alma?

Parece, de fato, que alguma coisa se perdeu pelo caminho...

No fundo, a maioria de nossas atuais distrações (televisão, noticiários, Internet, drogas, consumismo, redes sociais e toda a parafernália tecnológica) são vãs tentativas de preencher o vazio interior que nos assola, fenômeno identificado por Freud como "o mal-estar na civilização", embora com uma configuração um pouco mais complexa.

Sim, a triste constatação é que nossa civilização é ótima em tecnologia, em desenvolvimento exterior, mas péssima em termos de autocognição e desenvolvimento interior.

A solução para esse dilema, ou o que a vida nos estaria a exigir agora, em termos de civilização e de humanidade, é que troquemos radicalmente de perspectiva, isto é, que alcemos voo – sim, para cima, no sentido consciencial e, portanto, do alargamento da percepção –, mesmo porque a alternativa derradeira é o tal do despenhadeiro...

Fritjof Capra, em seu notável livro o "Ponto de Mutação", defende exatamente isso; que todas as nossas crises atuais são oriundas intrinsecamente de uma única e mais ampla: uma autêntica crise de percepção!

Nesse sentido é que se faz imperiosa e urgente – sim, o tempo urge – uma nova visão de mundo de parte da Ciência, ou seja, da vigente e entranhada perspectiva materialista (reducionista e fragmentária) para a amplitude da perspectiva espiritualista (sistêmica e holística). Assim como – digamos – uma "espiritualidade laica". Na realidade, uma nova, e mais vibrante, espiritualidade!

O que isso quer dizer exatamente – perspectiva espiritualista – nada ou pouco tem a ver com religiões e menos ainda com dogmas religiosos. Tem mais a ver com Filosofia e com o modo de enxergar a realidade fundamental, tal como preconiza Platão em o seu "mito da caverna". Para começar, envolve

o reconhecimento de que lá fora (e aqui dentro) existe um universo multi-dimensional – a chamada teoria das cordas, por exemplo, só é consistente matematicamente em dez ou 26 dimensões... mas isso já é outra história – e que o plano físico da 3^a dimensão constitui apenas a parte visível do *icem-berg*. Isso é perspectiva espiritualista (que não precisa estar necessariamente em conflito com a Ciência). É não se deixar iludir pelas aparências...

Como diz o mestre Jeshua Ben-Joseph, em uma esplêndida canalização – quem tem qualquer problema de crença quanto a isso, basta se fixar na mensagem propriamente dita, pois "mestre" aqui é utilizado no sentido de detentor legítimo da sabedoria ancestral e não de simples conhecimento ou de algum título formal –, a perspectiva espiritualista (ou o que ele denomina de desapego) pressupõe prestar atenção na essência e não se deixar apanhar por questões não essenciais. Significa não criar dramas desnecessários; significa experimentar autêntica alegria e felicidade nas coisas simples da vida (como o amor, por exemplo, em todas as suas expressões). Praticar o desapego e ficar sintonizado com o plano da essência, diz ele, implica estar consciente de uma dimensão oculta que se encontra diretamente sob e por trás de tudo o que é observável. Significa, enfim, renunciar ao julgamento apressado em termos de bom e ruim e confiar na inteligência cósmica, que ultrapassa de longe a mente humana.

E o melhor de tudo: conectar-se com o plano essencial é uma escolha que você faz, por exemplo, através da prática da atenção plena (*mindfulness*) ou da meditação. Sim, nada menos que a arte de silenciar a mente (o ego que pensa e sente) e escapar do que Jeshua também denomina "a armadilha da febre do pensamento" e Eckhart Tolle de "o pensador compulsivo, ou seja, quase todas as pessoas".

Logo, as perguntas cruciais e derradeiras, que, definitivamente, só podem ser concebidas, entendidas e respondidas a partir de uma perspectiva mais elevada são: você se lembra de quem você é realmente? Você consegue ficar em contato com o plano da essência (o campo unificado de Einstein), com o pulsar da criação? Consegue conectar-se conscientemente com a dimensão da atemporalidade que flui através de você e o inspira verdadeiramente?



CARLOS ALBERTO BENCKE

Mestre em Direito, desembargador aposentado do TJRS, advogado. Autor do livro Acionista Minoritário - Direito de Fiscalização. Uma abordagem não-dogmática.

COMER FILÉ OU CARNE DE PESCOÇO, EIS A QUESTÃO

Era um casal com características bem marcantes. Ela tinha passo firme, apesar das pernas curtas e até um pouco arqueadas, tipo cambota. Não era bonita, bem mais jovem que ele, uns vinte anos, postura ereta, nariz empinado. Meslena era o seu nome. Tão estranho quanto estranho era o casal.

Ele do tipo alemão rude, fazendo muxoxos respiratórios, parecia que tinha sempre alguma eca a entupir suas narinas, o que o fazia respirar mal e ruidosamente. Caminhava meio trôpego. Corpo magro e um pouco arqueado. Feições duras, óculos de lentes com grau elevado, nariz adunco, desproporcional ao tamanho do rosto miúdo e magro. Seu nome combinava com o tipo alemão, Rudolph.

Trabalhava de sol a sol, costumava dizer e por isso fedia a graxa e óleo diesel. Era mecânico. Não tinha banho no final do dia que tirasse aquele cheiro. Chegou a chefe de oficina. Sua vida espartana levou-o a economizar algum dinheiro. Vivia sozinho. Sempre compenetrado no trabalho, nunca teve muito tempo para diversão ou para namorar. A vida melhorou. Comprou umas casinhas aqui e ali e recebia bons aluguéis. Passou a vestir-se melhor, o que contrastava com aquele jeitão de colono.

– Chegou a hora de mudar esta vidinha – pensou.

Dito e feito. Passou a frequentar os bailões populares. Foi num desses que conheceu Meslena. Passaram a namorar e daí para o casamento foi só mais um passo.

– Quero papel passado, para não deixar dúvida – disse Meslena.

E o casório foi antes de 1977, Meslena não tinha lá grandes posses, nenhuma posse para ser mais exato.

Ela revelou-se boa administradora dos bens agora do casal. O patrimônio cresceu. E Rudolph satisfeito, pois tinha uma mulher bem mais nova do que ele e ainda era bonita! Para os padrões de beleza dele, claro. E Meslena coordenava tudo.

Tudo corria às mil maravilhas, até que... Até que Meslena voltou aos bailes de sábados e domingos. Sem o Rudolph. E também quartas-feiras à noite. Chegava por volta de onze e meia, meia-noite no início. Depois uma hora; depois duas, três, quatro, cinco horas e, em alguns dias, passava a noite fora.

– Na casa de umas amigas – dizia ao ser interpelada por Rudolph.

Não era só isso, e Rudolph ficou sabendo logo, pois notícia ruim corre mais do que lebre em campo aberto. Daí que era hora de consultar um advogado. O rude alemão, contou das incursões da mulher na noite e o pouso na casa de amigas. Pior: não cumpria mais com suas "obrigações" de esposa.

– Quero fazer uma investigação, saber tudo que ela faz – exigiu.

Foi aconselhado a contratar um detetive particular. Caro, caríssimo, mas de efeito devastador. Mesmo mão de mulita como ele só, concordou, pois falou mais alto o orgulho ferido. Prova colhida, as fotos mostravam que ela ia aos bailes, dançava bem agarradinha e, certa hora, Meslena saía e quase sempre acompanhada de rapazes mais novos. Nenhum deles parecido com o que tinha em casa. Iam para um motel das proximidades. Tudo fotografado.

– Quero entrar com o processo logo – afirmou, convicto, ao seu advogado. – Faça o que tem que fazer, doutor. Estou injuriado. Não quero que ela receba nada! Tá tudo aqui, tudo fotografado – apontou.

– Vocês já têm um bom patrimônio e várias casas de aluguel – explicou o advogado. – Não vai ser preciso pagar pensão. Ela vai ficar com metade do patrimônio.

Caiu o queixo de Rudolph, tal sua surpresa. Ficou estático, pálido. – O dinheiro das casas era seu, do seu trabalho de muitos anos... Ela chegou com a roupa do corpo!

Nova e didática explicação. Sem pensão, sim, mas com a metade do patrimônio. Saiu transtornado do escritório e disse que iria pensar melhor. Nova consulta.

– Não quero mais me separar. Meslena agora é uma esposa exem-

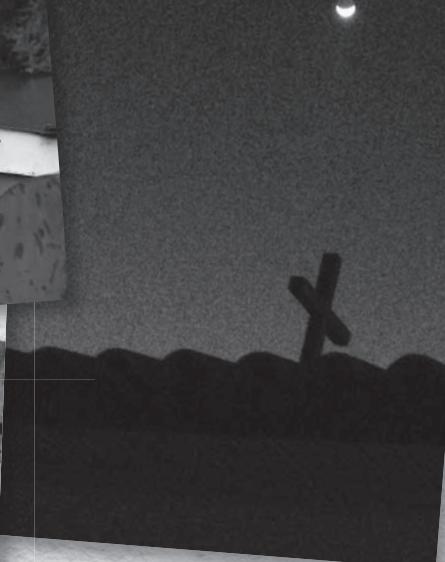
plar. Botou nossas casinhas numa imobiliária, não sai mais para buscar os aluguéis. Não sai mais nos fins de semana, só nas quartas-feiras e volta direitinho para casa aí pelas duas, três horas da madrugada. Fica na casa das amigas. Me trata bem, cozinha melhor do que já cozinhava, cuida dos meus remédios para a pressão e na cama...

Rudolph dirigiu-se para a porta. Antes de sair, virou-se e disse:

– Doutor, só não sei se ela vai mesmo na casa da amiga fazer visita todas as quartas-feiras. E nem me importo se ela vai dançar, se sai com outros homens depois.

E fez a revelação surpreendente:

– Prefiro comer filé com os outros do que carne de pESCOÇO sozinho.



CASSIANO RODKA

Escritor, jornalista, músico e DJ. Autor de *Partituras*, lançado em 2014 pela Editora Buqui.

ESTEJA PRESENTE

Esteja onde estiver, esteja presente.
Não fique para trás, nem mais adiante.
Esteja ali precisamente.

Desligue o celular, abra sua mente.
Escute minha voz e saboreie nosso instante.
Não permita que nada exista além da gente.

Não perca de vista o que lhe faz contente.
A grama é mais verde onde quer que você cante.
Se lhe apetece, experimente.

Apague a luz e termine o expediente.
Deixe o chefe e as ferramentas na estante.
Ninguém regula o que você sente.

Lembre que a vida acaba e a morte é iminente.
Saiba que o agora passa em um rompante.
Não deixe seu desejo carente.

Esteja ali precisamente.
Não fique para trás, nem mais adiante.
Esteja onde estiver, esteja presente.



CLAUDETE MORSCH PEREIRA SOARES

Advogada e graduanda em Psicologia, na UCS – Univ. de Caxias do Sul.

"O INFERNO SOMOS NÓS"

Parafraseando Sartre, eu diria que "o inferno somos nós", e o faço porque acredito que não são os outros que nos condenam, somos nós próprios. Por opção (ou não, dependendo do estado psíquico), podemos criar o paraíso ou o inferno dentro ou fora de nós. Nós temos – e veja, isso é absurdamente incrível – o poder de viver plenamente nossas vidas ou nos condenarmos à morte lenta. Viver é um grande desafio (eu acredito nisso) e, portanto, nada nem ninguém é capaz de interferir na liberdade do pensar, a não ser que se queira. Se tropeçamos, aprendemos, se acertamos, aprendemos (e o mais ou menos também deve ser levado em conta). No mais, somos responsáveis pelos monstros que criamos em nós e também (que ironia!) pela felicidade conquistada (felicidade?).

Ora, o outro pode ser apenas o suporte, o norte, ou qualquer coisa assim (ou o vilão, talvez). Mas não posso dar a ele um poder tão grande que é o de conduzir minhas ideias, mexer com meus sentimentos, mudar o curso de minha história. Isso só será possível se eu permitir, ou seja, o outro, ao contrário de ser meu inferno, calvário, pode ser o meu fio condutor. Ele me faz recuar diante do absurdo, me faz pensar, e tantas outras coisas, mas a decisão de seguir ou não é unicamente minha. O inferno quem cria sou eu, principalmente quando permito que o olhar do outro me violenta.

O outro é o outro, eu sou eu. Minha identidade é só minha, construo a partir do que observo, mas eu escolho (tenho este poder). Talvez por isso alguns humanos não se tornam bárbaros, mesmo quando criados por bárbaros. É uma opção não sê-lo, ou, ao menos, lutar para não repetir certos modelos.

A professora de Filosofia e Mitologia Grega Luciene Felix (no texto: "O inferno são os outros – para Sartre, o ser humano delega a terceiros a responsabilidade de decidir sobre sua vida por má-fé e covardia") diz: "Como piolhos, viver pela cabeça dos outros pode tornar nossa existência um inferno". "Os outros", segundo ela, "são todos aqueles que, voluntária ou involuntariamente, revelam de nós a nós mesmos. Algumas vezes,

mesmo sufocados pela indesejada presença do outro, tememos magoar, romper, ferir e, a contragosto, os suportamos. Uma vez que a incapacidade de compreender e aceitar as fraquezas humanas torna a convivência realmente um inferno, o angustiante existencialismo ateu sartriano não nos deixa saída. Sem o mínimo de boa vontade, não há paraíso possível".

De fato não parece fácil (e o que é o fácil?) falar em nós e no outro sem adentrar nas profundezas das incertezas. O que tem esse outro que me incomoda tanto? Ou, diria, o que eu tenho que o outro me incomoda tanto?

Passamos construindo ideias, dando forma às coisas, modificando-as, negando-as, enfim, só não é possível fugir de nós mesmos (ou será que dá, de vez em quando?). É preciso ser para entender.

O outro é o que me convida a olhar para mim, como se um espelho fosse, mas não pode escolher por mim, a não ser que eu assim queira, que eu me sabote, a ponto de deixar de ser eu mesmo para ser ou viver o outro. Então, se o outro me constrói ou destrói, é porque permiti ou permito que isso aconteça! Esse inferno é só meu!

Falando em inferno, não me passa despercebido o porquê de utilizarmos este termo para nos referirmos ao que é desagradável (e desestruturador!). Esse caos, dito inferno, pode sim ter um aspecto bom. Sim, bom porque tem o "poder" de me desconstruir, de me desestabilizar. E é assim que eu parto para a mudança, para a busca de um significado.

As frustrações que advêm dos infernos que criamos são deveras importantes. Ninguém vive sem elas (ora bolas!)! O que seria da vida sem umas frustraçõezinhas? (ou "zonas"). Aquilo que não mexe comigo me mantém e, manter-se, nem sempre é uma boa!

As estruturas devem ser abaladas para que novas construções sejam erguidas, ou seja, novas formas de pensar surjam e se insurjam. Nesse vaivém, vamos nos despindo do que nos amarra, vamos criando novos rumos, novas oportunidades e, por que não, uma vida melhor.

Daí surge o pensar na vida. Afinal, ela é para se pensar ou para ser vivida? Ou os dois?

Nosso inferno nós criamos, repito. Nós vivemos nos preocupando

com os outros, o que pensam, como vivem, se comportam, etc. Nós vivemos querendo garantir nosso espaço no mundo, projetando nossa vida para o futuro. Neste aspecto, Sêneca estava certo ao dizer que "o defeito maior da vida é ela não ter nada de completo e acabado, e o fato de sempre deixarmos algo para depois. Aquele que sabe levar sua vida no dia a dia não precisa do tempo. Essa necessidade aparece, bem como o medo do futuro, da fome desse futuro que corrói a alma. Nada é pior do que se indagar a propósito do que está por vir: "Para onde isso vai me levar? Quanto tempo me resta e como será minha vida?". É isso que agita uma mente atemorizada.

Como fugir dessa inquietude? Há apenas uma maneira: não deixando nossa vida na pendência de um futuro incerto, mas que se concentre nela mesma. Em verdade, só se concentram no futuro aqueles que estão insatisfeitos com o presente".

Portanto, nós criamos esses infernos: os outros, o futuro, enfim, projetamos e projetamos...

Isso me faz lembrar Baudelaire (1869): "Sonhos! Sempre sonhos! E quanto mais ambiciosa e fina é a alma, tanto mais os sonhos a afastam do possível. Cada homem traz em si sua dose de ópio natural, constantemente segregada e renovada. E, do nascimento à morte, quantas horas podemos contar preenchidas pelo verdadeiro prazer, pela ação feliz e resoluta?".

Não é por acaso que John Stuart Mill (1873) sabiamente disse: "Pergunte-se a si próprio se você é feliz, e você deixa de sê-lo".

Nós vivemos sempre buscando respostas, aceitações e no fundo vivemos amedrontados por não encontrá-las.

Nossas torturas internas nos levam a deixar de viver plenamente o presente. Já dizia Montaigne (1592) que, "os mais severos e frequentes males são aqueles que a imaginação nos faz alimentar".

Quando conquistamos o que queremos isso já não se mostra tão relevante, afinal, Lacan estava certo: somos seres desejantes. Quando um desejo é saciado, outro surge mais potente, requerendo satisfação, num fervilhar insaciável. Somos o inferno!

Isto também me lembra Bernard Shaw (1903): "Existem duas tragédias

na vida. Uma é não conquistar o que seu coração deseja. A outra é conquistar".

Fenômeno interessante é o viver. Viver é buscar e encontrar e tornar a buscar e nem sempre encontrar e assim, vamos vivendo, entre prazeres e desprazeres, mas vivendo (ou sobrevivendo?).

O desafio da vida é vencer nossos infernos, nossos desajustes internos. É criar condições mínimas para a felicidade. Campo fértil esse!

O que não se pode, com o outro ou sem ele, é desertar da vida. Ela nos permite o enfrentamento, o conhecimento. Tem algo mais libertador?

Não há liberdade sem o conhecer. O conhecimento nos liberta das armadilhas e artimanhas do outro, pois nos permite argumentar e, muitas vezes, nos salvar. Isso, porém, não significa que nos compreendemos.

Nietzsche (1881-1887) bem retrata este entendimento: "Aquilo que os homens têm mais dificuldade em compreender, desde os tempos mais remotos até o presente, é a sua ignorância acerca deles mesmos! Não só no que diz respeito ao bem e ao mal, mas no que concerne a coisas muito mais essenciais! A ilusão primordial segundo a qual saberíamos, e saberíamos precisamente e em cada caso, como se produzem as ações humanas, ainda continua viva. [...] Desse modo, nós somos necessariamente estranhos para nós mesmos, nós não nos compreendemos, nós estamos fadados a nos mal-entender, para nós a lei 'não há ninguém que não seja desconhecido de si mesmo' vale para toda a eternidade". E esse, diria, é nosso maior inferno!

De todo modo, será que a verdadeira compreensão é possível, num mundo de incertezas?

Para finalizar, muito embora o tema seja inesgotável, podendo desencadear muitos infernos particulares (sentido de dúvidas, discórdias), cumpre-me lembrar aqui nosso poeta Mario Quintana,

"Eu estava dormindo e acordaram-me
...e me encontrei num mundo incerto e louco!
Mas quando eu começava a comprehendê-lo
um pouco,
já eram horas de dormir de novo..."



CLÁUDIO BRITO

Promotor de Justiça aposentado e jornalista.

VOTO SALVADOR

Era uma eleição municipal, ainda no tempo das cédulas para votar. A apuração durou quase dois dias inteiros. Quando o resultado já fora proclamado e tudo estava por encerrar, eis que surge o fato inesquecível do voto salvador. Sim, um voto derradeiro, dobradinho no recôndito da urna de lona. Sem chance de alterar a vitória do novo prefeito e sem repercussão na formação das bancadas da Câmara Municipal. Ainda assim, um voto pra lá de especial. Um voto decisivo para a paz. Um voto indispensável para a felicidade.

Quem trouxe a notícia ao juiz e ao promotor foi o escrivão. Algo muito importante e fundamental estava por acontecer e tudo dependeria de uma verificação em uma das urnas.

Narrando com emoção o que acontecia e explicando qual a justificativa para que fosse feita uma recontagem, o experiente servidor esclareceu:

– Na verdade, doutor juiz, não seria bem uma recontagem, falta mesmo é uma pequena conferência.

O promotor indagou se o que estava sendo proposto seria a reabertura de uma urna que já recebera de volta as cédulas escrutinadas. O escrivão disse que sim, mas emendou, dirigindo-se ao magistrado e ao representante do Ministério Público:

– Não é para contar de novo ou alterar qualquer boletim de urna ou mapa de apuração. Vou trazer aqui a pessoa que me procurou para contar o caso que apresento aos senhores.

Uma senhora com ar de inquieta preocupação apresentou-se e, perguntada, foi dizendo o que pretendia:

– Tem alguma coisa errada. Faltou um voto na apuração. Sei o que estou dizendo. Sei bem como votei e meu voto não apareceu, o que poderá destruir minha vida!

O promotor minimizou, tentou tranquilizar aquela mulher, bastante nervosa e começando a chorar. Ela só repetia que seu voto não decidiria a eleição, mas sua existência, sua paz, sua felicidade e a de sua família.

Uma urna tinha que ser reaberta e um voto precisava ser encontrado. O voto dela tinha que ser encontrado.

– Sim, mas como identificar e localizar o seu voto? Haverá muitos votos iguais, disse o Juiz.

Ela explicou com lucidez surpreendente naquele quadro de agitação em que estava:

– Simples. Eu tenho certeza que votei em um candidato a vereador e este voto sumiu, porque na urna em que eu votei ele acabou com zero voto. Como eu sei o que eu marquei e como votei, no número e no nome dele, o voto tinha que estar lá. E ele deve estar lá, a gente achando tudo se resolve.

O juiz e o promotor tentaram evitar a busca, infrutífera certamente, pois nada se alteraria no resultado do pleito. Quando a mulher disse o que foi determinante:

– O candidato é o meu marido. Como ele vai se sentir se, na minha seção eleitoral, sua votação ficar zerada? Nem eu teria votado nele? Sei que ele não foi eleito e que meu voto não muda nada. Mas, compreendam por favor, se ficar assim, ele perde a eleição e eu perco o marido. Eu preciso mostrar meu voto para vivermos em santa paz.

O "parecer ministerial" foi no sentido de que se atendesse a petição. O juiz ordenou que fossem chamados os fiscais partidários e diante deles fosse aberta a urna. Os escrutinadores e o escrivão cumpriram a tarefa. Nem demorou muito, logo acharam a única cédula assinalada para aquele candidato naquela seção. Era o voto da mulher, com certeza. Seu marido fora trazido para assistir a diligência. Quando viu o único voto que alguém lhe dera naquela urna, abraçou a mulher, beijou-a e disse com visível satisfação:

– Está ali a prova de que ela votou em mim. Bendito voto. Voto salvador!

O juiz perguntou:

– Voto salvador?

Quem respondeu foi a mulher, muito firme e então contente:

– Sim, voto salvador... de um casamento!



EMANUEL MEDEIROS VIEIRA

Escritor e funcionário aposentado da Câmara dos Deputados. Seu romance "Olhos Azuis - Ao Sul do Efêmero" (Thesaurus Editora, Brasília, 2009), recebeu o Prêmio Internacional de Literatura, outorgado pela União Brasileira de Escritores - UBE -, em 2010, sendo contemplado com o "Prêmio Lúcio Cardoso", concedido para a melhor obra - segundo a entidade - publicada no gênero, no Brasil, naquele ano.

EXÍLIO*

Um Atlântico nesta separação:
batido coração segue as ondas de maio.
Desterros além da anistia,
para lá dos poderes.
Velas ao vento,
não bastam os selos,
a escrita crispada.
Queria os sinais da tua pele,
vacinas, umidades, penugens,
pêlos perdidos no mapa do corpo,
o olhar suplicante, soluços.

Jornadas:
missas de sábado,
retratos arcaicos.
Outro exílio:
sem batidas na boca da noite, armas, fardas, medos,
clandestinidades.

Sol neste retorno:
casa, guarda-chuva no porão, caneca de barro,
álbuns, abraço agregador,
cheiro de pão, gosto de café,
o amanhã junta os o dois nós da memória,
um menino e o seu outro: estou melhor feito vinho velho.

*Poema premiado no Concurso Nacional de Poesias, cujo tema foi "O Mundo do Trabalho", promovido pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná.



FABIO VIEIRA HEERDT

Magistrado no RS.

A SOLIDÃO DO ARCO

Para meus amigos

Mil Novecentos e Oitenta e Cinco. Ruy Carlos Ostermann, o Professor, principal cronista esportivo do sul do país, acomoda-se desconfortavelmente no alambrado do "campão". Vai começar a grande final das inter-séries. A 8^a C é a equipe favorita. Não há dúvidas, afinal, tem jogadores mais técnicos, de imposição física, tarimbados. Ali estão Perica, Toshio, Ruga, Titãs. A 8^a B é o azarão. Ninguém sabe como aquele time, aos tropeços, chegara à final. Há jogadores muito frágeis fisicamente e o goleiro – Fábio – fora escolhido na undécima hora, em razão da lesão do titular. Mas o time tem uma personalidade incontestável. Há um brio que supera a técnica e a falta de força. À frente dele, um líder. César Cidade Dias, o Gordo. Dono de um futebol matreiro, tramado em lances fortuitos, espaços impensados. O time reconhece nele seu comandante. Deveras, não o vemos como um menino de quinze anos. Todos confiamos nele. Olho para nosso capitão, da solidão do meu arco, e vejo um veterano. Até a forma de correr, quase um migué, meio manquitola, chama a atenção. Parece um atleta de várzea, joelhos estourados. Reúne-nos à frente da área, pousa a mão sobre a boca. Fala pausado e baixo, mas todos o ouvimos: "Não tenham medo!". Segura a bola, encaixa-a no sovaco. Pega o companheiro pelo braço, sussurra algo ao seu ouvido, para depois espalmar as mãos com violência.

A equipe B tem bons jogadores, é verdade. Rogério, um ponta insinuante, de vigor físico, talhado em seus treinos de surf no hostil litoral gaúcho, chama a atenção por ser guapo. As meninas da torcida aguardam, lançando gritinhos nervosos, pelo intervalo, paravê-lo com o torso nu.

A partida é tensa. A torcida da equipe C, amplamente favorita, pensava que, aos primeiros minutos, o jogo estaria resolvido.

Lance violento. A bola quica no campo empoeirado e areento, sobe,

Ruga vai cabecear. Nosso capitão, Gordo, matreiro, espera ela aterrissar, novamente, e divide no corpo. O gigante Ruga desaba. Toshio abre o peito para agredir nosso capitão, que, com um gesto, levanta as mãos, gira os ombros e dirige-se ao juiz: "Não fiz nada....!". Christian tenta colocar a bola no chão. Temos um meia de pouca técnica, baixote, reclamão: Paulinho.

Com o tempo, a equipe C faz prevalecer sua força física. Perica dá um drible curto, seco, dentro da área. Nosso centromédio, Marcelo, atrasado, tenta evitar o cara-a-cara com o arco.

O árbitro, Bido, aponta para a cal. Não há dúvidas: é pênalti.

Então, vejo tudo escurecer.

Acabou.

Tínhamos chegado tão longe...

Percebo meus zagueiros a balouçar a cabeça, derrotados. Inelutavelmente derrotados, pois sabiam, afinal, que eu não era um arqueiro de ofício.

Viro-me ao ouvir, atrás da meta: "Frangueiro, frangueiro!"

A goleira parece ter centenas de metros.

Sinto o suor frio escorrendo por baixo da blusa acolchoada. Ainda a caminhar para dentro da cidadela, uma mão pousa no meu ombro. Sinto um abraço a me envolver. Meu capitão atravessara o campo. Abriu dois olhos negros enormes, tirou a bola de minhas mãos e depois como que a empurrou contra o meu peito:

"Vais pegar."

"Porra, gordo, não sou goleiro!"

"Cala a boca! Vais pegar. E vamos ganhar essa merda!"

Bido – o árbitro – toma a bola, levanta o braço e recoloca-a na cal.

Faz frio no morro do Alto Teresópolis.

Tudo fica em silêncio.

Olho para o alambrado junto à avenida. Há populares, bêbados dos botecos em frente que atravessaram a rua, negrinhos correndo efusivamente de um lado para outro, gritando: "Vai ser gol, vai ser gol!".

Muito longe, ressurge o coro agora arrastado: "Frangueiro, frangueiro!". Tudo gira ao meu redor. Uma lâmina de suor corta meu rosto.

Nosso capitão está no grande círculo. Aponta para o alambrado; sigo-o e encontro o Professor olhando pra mim. Ele meneia a cabeça como se dissesse: "É a tua chance."

O tempo para. Não ouço mais nada. Um gigante acerca-se da bola. Olha desafiador para mim, desvio o olhar. Pousa as mãos na cintura, afasta-se da bola, suspira. O suspiro pode ser ouvido a léguas de distância.

Ouço o trinar do apito.

Lembro de Marcelo a me dizer: "Dá dois passos pra frente! Dois passos!".

Dou dois passos pra frente.

A bola vem com violência, na direção do ângulo esquerdo, descrevendo uma flecha. Quase caindo, consigo estender o braço direito e, com as pontas de dois dedos, desvio a bola. Meu corpo arrebenta no chão e vejo a poeira levantar.

Silêncio.

Completamente inebriado pela ousadia de meu gesto, procuro o olhar de meu líder. Não o vejo.

Rogério toma a bola nas mãos, ouço-o dizendo para Christian: "Não vamos mais perder. Vamos ganhar, seremos os campeões de 1985!".

A defesa do pênalti abala os gigantes da 8ª C. O jogo termina em empate.

O regulamento não deixa dúvidas: vamos para a cobrança de pênaltis.

Olho para o Professor: ele faz encontrar as palmas das mãos e mostra-me um sinal de positivo com o polegar.

Sinto-me um gigante embaixo das traves.

De fato, defendo dois pênaltis. Nossa líder, combalido por lesões, exausto, converte o último tento.

Somos, enfim, os grandes campeões de 1985.

Nunca mais senti que merecesse tanto ser campeão como naquele dia.

Nunca mais tive esse sabor dourado de amar meus amigos como quem venera seus ídolos.



GENACÉIA DA SILVA ALBERTON

Desembargadora do TJRS, Coordenadora do Núcleo de Estudos de Mediação da Escola Superior da Magistratura.

NÃO QUERO FLOR DE PLÁSTICO

Lá vem a florista faceira. Ela desce a ladeira feliz... O céu azulado, com um brilho de outono faz iluminar a figura que surge. Tudo está calmo e tranquilo. Parece que o tempo para quando vem a florista faceira. Olho aquela garota e lembro que a vi ainda menina com um cesto de rosas em uma esquina movimentada da cidade.

Esperta, ela procurava casais e oferecia rosas. Colocava os rapazes em situação embarracosa. Não tinham coragem de negar um "sim" àquela menina com carinha alegre e olhar brejeiro. Eu sempre comprava flores com ela para enfeitar minha casa e minha vida. Ela sempre tinha a flor certa para o meu momento e estado de alma.

Parece estranho, mas nunca perguntei o seu nome. Era apenas a "florista", a pequena florista, aquela que povoava a imaginação e, por isso, não precisa de nome. Agora, ela desce a ladeira, alegre e feliz. Continua com suas flores. Tem lugar fixo para vendê-las. Vai decidida e soridente para lojas, clínicas, academias. Ao chegar, já é reconhecida e tem venda certa. As flores parecem saltar de seu cesto. Coloridas se entregam a quem as quer.

Para a florista pouco lhe importa a idade. Dona Isabela é uma de suas antigas freguesas. Naquele dia, a florista chegou, chamou Dona Isabela, mas não obteve resposta. Viu a porta abrir-se mansamente, com um leve rangido. Lá estava a velha senhora ao lado de seu amor. Olhava para aquele rosto tranquilo, mapeado pelo tempo, inerte sobre a cama. Era o momento do adeus. A florista nada disse, pegou uma rosa e colocou-a ao lado do corpo sem vida. Era uma flor para um grande amor.

Lá vem a florista faceira. Ela desce a ladeira feliz...

Não sei quando, mas em algum lugar, vi uma flor de plástico em um velório. Não sei de quem. Ficou em minha memória a flor. Ficou apenas a imagem deprimente da flor artificial. O corpo iria desaparecer, mas o plástico ficaria... Não quero flor de plástico.

Lá vem a florista faceira. Ela desce a ladeira feliz... Quem sabe, terá uma rosa para mim.



ÍCARO CARVALHO DE BEM OSÓRIO

Desembargador do Tribunal de Justiça do RS e Presidente do Conselho Deliberativo da Ajuris.

UTZIG E O SOPRO

A paisagem era desértica ao longo do desfiladeiro. Só de fitar o horizonte se via nitidamente a poeira que insistia em correr por entre as pedras. Era fácil se perceber que a vida ali era dificultosa, sendo guerreiros os animais que ali apenas sobreviviam.

Os andarilhos também eram atraídos por aquela visão, algo significando para cada um que de passagem por ali refletia sobre tudo o que acontecia. Alguns iam em vão, outros nem tanto. Ainda outros nem saíam por que iam, mas tinham a estada em seus currículos, como uma forma de demonstrar que se importavam com os outros ou que procuravam um método de aperfeiçoamento para seus valores.

Utzig fora criado em meio aos animais, sendo eles seus companheiros de todas as brincadeiras, pelo que tinha neles amigos fraternos. Nunca teve outras necessidades senão estar em companhia dos quadrúpedes e dos alados, pouco se importando com o que pudesse haver de mais atrativo no mundo além de seu território geográfico. Não fez ele menção de acompanhar um grupo de rapazes de sua idade que, como era o costume, saíam em busca de horizontes outros, encarando a vida, esta se pondo diante deles de forma desafiadora, sempre exigindo superação. Seus interesses circulavam pelo que a família chamava de "lugarejo", onde as gerações dedicavam a existência a uma rotina de aperfeiçoamento laboral, dando a cada um a chance que merecesse, desimportando se era forte o laço de sangue.

Nem sempre Utzig sabia bem o objetivo do que fazia, mas tinha a ideia de que era levado a isso como uma consequência natural de quem havia nascido naquele meio. Tinha com quem compartilhar seus pensamentos, mas sempre tendo a impressão de que não era compreendido a contento, embora se esforçasse em bem delinear suas razões. Sentia-se frustrado às vezes, já que tinha como certas suas limitações, mas seus predicados também lhe pareciam importantes para o desempenho de seu mister.

Não havia como se evitar os rumores que vinham, parece que com o vento, acerca da paisagem aquela, mesmo desértica, mas que trazia algo de surreal, bem ao alcance de mentes mais abertas que, mesmo anânicas intelectualmente, tinham condições de decifrar o que por lá acontecia. De arraigado aos seus domínios, Utzig passou a aceitar melhor a ideia de que algo mais se passava fora daquelas cercanias, parecendo-lhe agora mais interessante a exploração de outras paragens. Sucumbir ao desejo já não era mais algo proibido, mormente quando sentia que tinha energia suficiente para esses desafios e que essa energia queria buscar outras.

A paisagem não lhe parecia tão desértica assim, já que conseguia enxergar algo mais naquilo, talvez socorrido pela sensibilidade adquirida pela proximidade com os animais. Nem achava também que o conjunto justificasse a peregrinação ao local. A postura insone de alguns, a de incredulidade de outros e a de euforia dos demais nada lhe dizia, concentrado que estava em decifrar aquele local. O vento que soprava por entre as pedras do desfiladeiro trazia até ele mais que poeira, isso podia garantir. Não conseguia se safar dos seus sentimentos em presença daquele pequeno show da natureza.

Dois dias ali lhe bastaram para tirar as próprias conclusões. Tinha suas convicções como mostra de sua personalidade, preferindo ser intímista a expressar sua opinião sobre os pontos candentes da vida. Tinha muito apego àquilo que enxergava, mas não tinha desprezo pelo abstrato e pelo inatingível. O que ele lá buscou conseguiu, mas não autorizava a dita euforia que em muitos viu nem a sonolência própria de quem não acredita que o fardo foi tirado de suas costas.

A vida prosseguiu no "lugarejo", indiferente ao acontecido com Utzig. Este sim viu ali a oportunidade de fazer valer a pena ser ele mesmo, sem precisar de orientações trazidas de longe. O sopro daquele vento por entre as pedras fez varrer suas arestas, dele e das pedras, permanecendo ele, como estas, firmes no lugar onde uma energia maior os colocou com um firme propósito, como sói acontecer.



JAIME VAZ BRASIL

Psiquiatra e escritor.

NOSSO TIO, TENENTE ALFREDO NUNES, CONTAVA HISTÓRIAS

Nosso velho tio Alfredo Nunes era tenente do exército. Depois de reformado, sempre que nos visitava, dizia dos acontecidos no tempo de quartel. Gostávamos de ouvir das manobras e dos exercícios de guerra. Nosso tio Alfredo era uma espécie de herói familiar. Ficávamos ao redor dele. Depois de uma cerveja que outra, desenrolava a língua. Já conhecíamos todas as histórias que o tio Alfredo poderia contar. Fazíamos reparos quando ele tropeçava num exagero que outro. Uma história nosso velho tio Alfredo repetia mais que as outras.

– Já contei do soldado Demétrio?

Sim, já havia contado. Várias vezes. Mas fazíamos um coro de expressões curiosas; era o nosso código silencioso de vamos adiante ou em frente marche. Naquelas conversas de quando o domingo desabava contra a tarde morna, soubemos que Demétrio teria dezoito anos, na época. Usava uns óculos de lente grossa e tinha um jeito delicado. Era uma pessoa decente e tio Alfredo falava bem dele. Nós chamávamos tio Alfredo de tenente, para brincar com ele. Mas ele gostava. Não atendia o telefone dizendo alô. Falava assim: Tenente Nunes, e depois dizia o número. Devia ser algum hábito do quartel. Não sei. Mas o Demétrio morreu porque o cabo de instrução física exagerou com ele. Estava na ficha do Demétrio um carimbo vermelho escrito: Poupado. Isso equivalia a dizer que esse tipo de soldado não seria submetido ao mesmo ritmo de preparação que o restante da tropa. Essa parte, nosso querido tio tenente nos explicava sempre do mesmo jeito. E o cabo encarregado não viu ou fez que não viu. O Demétrio na tarde anterior andou se exibindo com uns conhecimentos. O rapazote gostava de ler e acabou ganhando uma discussão com o tal cabo sobre a diferença do lobo e do chacal. Antes a tivesse perdido. No outro dia de manhã, o cabo resolveu que o Demétrio fizesse sei lá quantos abdominais e mais outros tantos apoios. Nosso velho tio quando nos contava essa

parte, começava a encher os olhos de água. A partir daí a narrativa nos fazia engolir em seco, trancar a respiração. Às vezes o nosso tenente encerrava o relato nesse ponto e ia beber cerveja. Ele era amigo do Demétrio, sem dúvida. Quando o coitado estava já no abdominal número oitenta ou noventa, começou a ficar com os dedos azulados. Teria dito ainda alguma coisa como por favor, cabo, estou passando mal. O cabo riu e chamou o Demétrio de veadinho cansado. Ele tentou então mais alguns abdominais até que ficou deitado com os lábios ficando roxos e depois a cara toda ficando roxa. Bateram no peito dele, tentaram reavivar o pobre, mas já era tarde. O coração do Demétrio estourou por dentro, pelo menos foi o que eu entendi. Houve correria e depois ficou tudo em silêncio do quartel. Tudo quieto. Lá em casa nós decidimos que cabo não era boa gente. Bom é de sargento em diante. E nos orgulhamos do nosso tio Alfredo: oficial do exército.

Mas hoje um primo veio dizendo que, na ocasião da morte do Demétrio, o nosso tio ainda não era tenente nem sargento.



JOCELAINTE TEIXEIRA

Magistrada no RS.

TRABALHO NOTURNO

Costumo trabalhar até tarde no fórum. Mas, ir ao cemitério, a trabalho, não é dos meus hábitos. Porém, certo dia, precisei ir, à noite.

Discutia-se o destino da ossada de uma pessoa.

O município dizia estar no fundo da sepultura.

Resolvi produzir a prova ao meu estilo e a única viável, uma inspeção judicial.

Os advogados e eu chegaríamos depois da abertura da sepultura, às 16h.

Ocorreu, que o ato foi esquecido pela agenda do cartório.

No dia aprazado, lá pelas 18h, telefonaram ao cartório dizendo que aguardavam pela juíza. E não dava para suspender os trabalhos.

Requisitei um oficial de justiça e um guarda do Foro, dado o adiantado da hora.

Os guardas disputaram a diligência, para não irem, claro.

O oficial de justiça repetia que, em mais de 27 anos de profissão, nunca tinha feito diligência dessa natureza. O guarda, um policial militar aposentado, dizia algo parecido.

O oficial de justiça perguntou, mais de cinco vezes, se a inspeção demoraria.

No cemitério, uma mulher com aparência sinistra, portando uma lanterna, esperava no portão pela grande novidade naquele repetitivo ambiente de trabalho.

Fui guiada, entre os túmulos, mais pela luz da lanterna do que da lua minguante.

Os advogados, em razão do atraso, desconfiavam da razão daquela prova.

Um terceiro, que se fazia presente no local não sei por qual razão, paralisado e bem longe da sepultura aberta, dizia haver muita energia negativa naquele lugar.

O guarda eu sequer vi. Possivelmente, ficou no portão. Os funcionários do cemitério, acostumados com enterros e exumações, estavam com medo (da juíza), temendo que a ilustre visita, à noite, fosse coisa de outro mundo.

A advogada do município, jovem e com cabelos vermelhos, e a estagiária que me acompanhavam, ao contrário dos demais, pareciam divertirem-se.

A estagiária, interessada na sua formação acadêmica, fotografou tudo, da "chapa" (dentadura) do falecido à lua sobre a cruz da porta central do cemitério.

Encerrou-se o processo. Restou a notícia da diligência no Foro, sem faltar quem dissesse, que a juíza poderia ter ficado por lá.



JOSÉ CARLOS TEIXEIRA GIORGIS

Desembargador aposentado. Diretor do Memorial do Judiciário do RS e professor da ESM.

RÉQUIEM PARA UMA FLOR

Praça da Matriz, domingo de carnaval.

O silêncio boceja de cansaço. Apenas o sorvo do mate interrompe a paz da manhã, as vozes do grupo contam fatos mudos. Alguém se ergue e examina a estátua, parece que o doutor Penna respira.

Um vento transita para o sul e com suavidade limpa sepulcros distantes; muito ao longe, muito mesmo, os casais repousam da festa que não houve; copos e pratos aguardam o baile de ruídos; o vinho chora abandono; a menina sonha; a cidade dorme.

De repente.

O carro estaciona, a moça desce. Os tronos e as dominações de guarda olham o relógio taciturno; o querubim mantém vistas nas pernas e jeito; os serafins somam pecados veniais: o céu anota.

ImpONENTE, ela caminha para o canteiro central.

Tudo imóvel. Os planetas suspendem giro e atendam para a majestade da mulher que baila passos. A cuia esfria genuflexa à altivez que se move. Os murmúrios engasgam ante a pompa que se aproxima.

Com arrogância ela abaixa e modera os gestos, como carícia.

Mas, oh, seus dedos aprofundam na terra fofa. E como tesouras afiadas mergulham nas pregas do solo, procuram (acham), movem-se como tentáculos, os sumos grudam pedúnculos, namoram, beijam: arrancam.

A jovem levanta o tufo de flores amarelas, que sangram. Triunfante.

Ao redor plantas choram o abate; os ipês cessam a queda do fulvo pó que molha a rua, os bustos ausentes retêm o protesto, os postigos emudecem e alguém balbucia um "não faça isso", as câmeras municipais fazem feriado. A (semi) praça desfalece.

Para que servirá o buquê pálido: um presente à mãe? Ou o aniversário da criança? Quem sabe para agradar o amor? O vaso frágil? Para enfeitar a morte?

Com a mesma desfaçatez, mas ainda magnânima, ela retorna ao carro, engrena. E vai.

Ninguém adivinha a sorte das flores amarelas naquela manhã humilhada.

Praça da Matriz, domingo de carnaval.



JOSÉ NEDEL

Bacharel em Letras Clássicas, Filosofia e Direito. Mestre e Doutor em Filosofia. Juiz de Direito e Professor aposentado. Autor de muitos artigos em jornais e revistas; de capítulos em obras de autoria coletiva; de verbetes em dicionários; e dos seguintes livros individuais: Crítica da razão popular, 1990; Maquiavel: concepção antropológica e ética, 1996; A teoria ético-política de John Rawls, 2000; Ética, direito e justiça, 2. ed., 2000; Ética aplicada: pontos e contrapontos, 2004; Ética e discurso, 2006; A curvatura da razão: poemas, 2. ed., 2009; A vez do verso: sonetos, 2011; A vez do verso: quadras, 2012; Ensaios de filosofia prática, 2014; Ensaios antropológicos, 2014; Uma teoria do conhecimento, 2015; Última floresta: sonetos, 2015.

SEMEADURA

Lido na terra agreste desde a aurora,
Pois quem somente parcós grãos semeia*,
Ou com húmus a terra não melhora,
Safra terá minguada, em vez de cheia.

Quem segue a dica do *ora et labora***,
Mesmo se mãos e pés, os enlameia,
A perfeição humana em si aprimora,
Evita o passo em falso e o não receia.

Semente alguma posta em terra errada,
Ou ao domínio do inço abandonada,
Tem chance de crescer em tal reduto.

Rendimento requer um outro fato:
Dar ao torrão um amoroso trato,
Que responde com cem por um de fruto.

*"Aquele que semeia pouco, pouco ceifaré" (2 Cor 9, 6).

**Reza e trabalha, da *Regra de São Bento*, que manda cultivar a vida de oração unida ao trabalho.

Ut sementem feceris, ita metes (provérbio latino) – Colherás conforme tiveres semeado.



LEONEL PIRES OHLWEILER

Desembargador do TJRS. Mestre e Doutor em Direito. Professor de Direito Administrativo da Graduação e Mestrado em Direito do Unilasalle. Autor de livros e artigos nas áreas do Direito Administrativo, Teoria do Direito e Hermenêutica Jurídica.

VELHAS CANETAS

Guardada no sótão. A caixa forrada com papel antigo ainda estava lá, naquele canto escuro. Na manhã de sábado, enquanto mateava em mais um final de semana igual aos outros, decide subir e começar a limpeza. Não que gostasse, mas era bem mandado. Lauro, ainda com o gosto de erva na boca, encontra a antiga coleção de canetas. Muitas recordações. Fica maravilhado, surpreso.

– Quantas histórias! Como pude deixá-las aqui, atiradas... É só poeira! Sente o cheiro forte de mofo e coisas guardadas.

Pega com o máximo cuidado uma das canetas, como se carregasse parte do passado distante. Escrever era mais do que construir textos. Lauro pensa em como sentia prazer. Foram anos de angústias, liberdades e muita libertinagem nas sessões de poemas; deu uma boa risada, mas logo esfregou o nariz por causa da rinite.

Decide com pressa levar a caixa para o escritório no térreo da antiga casa do Bairro Petrópolis e desliza os dedos sobre o papel áspero que a forrava. Observa a inscrição já esmaecida na tampa: *Chai*. A esta altura não tinha a menor ideia do significado. Deve ser coisa de guri! Retira com cuidado cada uma das dezoito canetas, das mais diversas marcas e padrões. Para Lauro não era o mais importante. Até uma *Bic* antiga, toda verde. Adorava. Colecionar para ele significava cuidar.

– Meus 17 anos... Ganhei esta do meu pai. Foi o início da coleção. É uma *OMAS 360*, caneta tinteiro, toda preta e com detalhes dourados. Minha primeira história, ou o que ele pensava que fosse, não importa, mas lembra que seu pai gostou. Recorda as palavras duras das críticas construtivas do velho pai e professor. Esta então, achei no balcão do colégio. Mais simples não tem, quantos poemas escritos para... Como era o nome dela? Mila! A eterna paixão do 2º Grau no Rosário. Os encontros na Praça Dom Sebastião atrás dos balanços. Naquela época tínhamos de fugir do irmão Roberval para namorarmos. Muito divertido.

Precisa limpar tudo, caso ainda houvesse alguma esperança de resgatar coisas boas. As canetas não estavam só sujas e com pó grudado.

– Não dá, ficou imprestável. Que pena. Droga, vazou também!

Eram como lembranças de um tempo esquecido, mas feliz, de dúvidas, com muita imaginação. Época de grandes estímulos. Não sabia bem por que deixou de lado... Cada um tem sua caixa de Pandora, pensou. Não somente objetos esquecidos no tempo, mas o que lhe permitia construir caminhos. Texto bom, bem aí já é diferente. O mais importante dos anos oitenta era a coragem do novo:

– Ah, velhas canetas.



LETICIA WIERZCHOWSKI

Escritora, autora de *A Casa das Sete Mulheres*.

DUVIDO, LOGO EXISTO

Tem uma hora na vida em que parte das nossas certezas se transformam em dúvidas. Nesse momento, quase tudo aquilo no qual vocêcreditava parece ter a sua importância relativizada - outras vontades, outros sonhos, meros esporos invisíveis de futuros diversos parecem crescer dentro de você, passeando pela sua corrente sanguínea, pelos seus sonhos e pesadelos, pelos seus mais distraídos pensamentos.

Tem uma hora na vida para todo mundo. Aquela hora em que a própria vida cotidiana parece que ficou pequena, como uma roupa da estação passada é descartada do armário de uma criança porque não serve mais. É uma hora difícil, essa hora. Como são difíceis os partos, com o tanto de sangue e de mistério que eles guardam, com os seus perigos, as superstições, o medo, e o futuro cheio de novidades que eles trazem. É uma hora difícil - é preciso mexer-se do lugar, mudar a perspectiva, aventurar-se. É preciso fazer a bainha da nossa própria ansiedade, separar-se das velhas certezas e assumir a dúvida como guia.

Algumas boas certezas são fundamentais nesta vida, essas certezas são como o alicerce sobre o qual nós erguemos a nossa existência. Mas a dúvida tem que estar em algum lugar, latente sempre, atenta ao presente e ao futuro, duvidando sempre como um desses cães de guarda que passam a madrugada latindo no portão. Tem um ditado que diz: "A chave da sabedoria é a dúvida". Segundo meu médico pessoal, é duvidando que a gente vai adiante.

Muitos artistas fizeram da dúvida o ponto de partida da sua arte. Como Van Gogh, Robert Maplethorpe, Bispo do Rosário e uma lista eclética de nomes de todos os tempos e lugares. Muitos autores escreveram belíssimos romances sobre a caminhada pessoal que a dúvida inaugura, como Somerset Maugham, em *O fio da navalha*, e o japonês Kenzaburo Oe - cuja dúvida e superação pessoal se materializaram na figura de um filho excepcional -, com o seu inesquecível *Jovens de um novo tempo, despertai*, duas das grandes leituras da minha vida.



LUCIANO BERTOLAZI GAUER

Magistrado no RS.

RETRATOS DE UM INTERIOR (DES)CONHECIDO

Abro a porta do auditório e faço o pregão: "Audiência das 16h30min. Maria e Abrelino" – grito eu com a voz já rouca.

Era a décima audiência da tarde.

A advogada, já conhecida, entra e me cumprimenta. Eu havia revisado todos os processos. Anotei, num rascunho, o número de cada processo, um breve resumo dos fatos e o pedido. Já passava das 17h. Pedi desculpas pelo atraso. Duas audiências de dissolução de união estável extrapolaram o horário da pauta: achei mais importante conciliar as partes.

Olho para a pessoa que entra na audiência e, por um breve instante, pensei ter pegado o processo errado. A parte autora havia peticionado informando que não se faria presente. Entretanto, no lado do réu, com a advogada do réu, havia uma mulher. Ou melhor, uma quase-mulher (a definição foi dela).

A advogada, vendo que eu havia me perdido, afirma:

– É essa audiência mesmo, doutor. Ela é o Abrelino.

E começa o diálogo:

– Tens algum nome social ou algum modo como gostaria de ser chamado?

– Madona. Se o senhor quiser saber como eu gosto de ser chamado, eu gosto de ser chamado de Madona.

– Pois bem, Dona Madona, tem uma ação aqui, de divórcio. A senhora Maria quer se divorciar da senhora. Vocês tiveram um filho, é isso?

– É, doutor. Eu cresci rejeitado. Todo mundo tem nojo de mim. Eu tava cansado, queria ter uma vida digna, normal. Naquela época eu era homem.... achei que casando eu poderia mudar. Ela me mentiu. Nossa relacionamento durou quatro meses. Ela nunca me disse que tinha ficado grávida. Logo a gente se separou e eu resolvi virar travesti.

– Tudo bem, Dona Madona. Eu não estou aqui para julgar o que

a senhora faz. A questão é que da relação nasceu um filho e a senhora precisa pagar pensão.

– Pois é, doutor. Eu tenho depositado, desde 2009, cem reais por mês. É o que consigo. Olha pra mim, eu tô até tísica. Faço no máximo três programas por mês. Ganho uns 300, 350 reais. Eu preciso comprar um perfume pra mim, uma roupa. Não é fácil. Se eu tivesse um emprego fixo, eu pagaria mais e até iria brigar pela guarda do meu filho, que, aliás, a mãe dele arruma um monte de pretexto para não me deixar ver a criança. Quando me vê, me xinga, me insulta.

– Dona Madona, a senhora reside onde?

– Na rua. Eu passo a maior parte do tempo dormindo na rua. Quando consigo fazer um programa, uso o dinheiro para dormir em algum hotel, tomar um banho.

– Eu vou homologar essa questão incontroversa, a partir de hoje a senhora está divorciada.

– Que máximo!

– Dona Madona, a senhora estudou?

– Antes de virar travesti e casar eu trabalhava na agricultura, eu cuidava dos meus pais. Estudei até a 7^a série.

– Pois é, Dona Madona, e por que a senhora não volta a estudar?

(Ela baixa a cabeça e começa a chorar.)

– Eu tô desiludida da vida. Ninguém me dá emprego. As pessoas têm nojo de mim.

– A senhora está sendo mal tratada aqui?

– Não. Mas eu tentei efetuar registro em outra cidade, me roubaram os documentos, ninguém quer me atender. As pessoas tem nojo de travesti.

– E por que a senhora não volta a estudar? Por que não faz um curso de manicure, cabeleireira, faxineira?

– O senhor acha que alguém me daria emprego de faxineira? Vou trabalhar em uma casa e vão dizer que eu tô junto com o dono.

– Bom. Eu lhe dei a sugestão. Estou homologando o divórcio. A

guarda do filho vai permanecer com a mãe e a visitação vai ser mantida da forma como já foi fixada. A partir de hoje a senhora está divorciada.

Madona assina o termo e levanta-se para ir embora. Na saída, abre a porta da sala e diz:

- Doutor, o senhor é o máximo!...



LUIZ ANTÔNIO CORTE REAL

Magistrado aposentado.

TEIMOSIA

A água estoura
Tangida pelos ventos
Nas duras pedras
Do litoral rochoso

Ao longe ouço
O lamento do embate
O mar insiste
O litoral resiste

Perpetuamente a luta continua
O mar avança
Insiste mas recua

Jamais desiste
Açoitando a resistência
O mar insiste

Até quando?



MAFALDA DOS SANTOS

Poeta, com quatro livros lançados e poemas publicados na AJEB – Associação Brasileira de Jornalistas do Brasil e AJURIS – Associação dos Juízes do RS.

A PROSA QUE BUSQUEI NOS VERSOS

O hoje sofrendo
O ontem abanando
O amanhã
Entre choros e sorrisos
A ânsia de buscar
O desespero de não ver
O medo de enxergar
A angústia de perder
Aquilo que se foi
O não de nunca mais
O beijo que ficou
A quebra do amor
A necessidade de sofrer
A alegria de morrer
Na entrega do amor
Que se esboçou
E, para sempre, ficou...

DISTRAÇÃO

Ela veio tão contente
Tão carente
Tão presente
Tão experiente
Tão condescendente
Tão caliente
Tão onipotente...
Que acabei esquecendo
De minhas feridas
De sua consequente despedida
Ah! Como é bom ficar
Despudoradamente
Distraída...



MARIO ROMANO MAGGIONI

Magistrado no RS.

EU VI DOIS ANJOS

Os anjos existem. Sexta-feira, no foro de Farroupilha, dois anjos sentaram na minha frente. Eles vestiam roupas comuns. Não tinham asas. Era um casal. Vieram em busca de quatro crianças. Traziam consigo um menino de doze anos e uma menina de oito, vindos da Casa Lar. A menina de três anos e o menino de um ano, recém-feito, ficaram na Casa Lar. Os quatro são irmãos.

O anjo-homem suava. Disse que passou a noite sem dormir. Parecia estar numa sala de parto, observando a mulher que dava à luz quatro nenêis. Senti que a qualquer momento iria desmaiar.

O anjo-mulher deu colo para a menina de oito anos, como se dar à luz a quatro fosse a coisa mais normal do mundo.

E há quem não acredite em milagres.

– Sim, vamos adotar os quatro – disseram eles.

– E vocês – perguntei ao menino e à menina – querem ser adotados por eles?

Os dois apenas riram.

– Quem primeiro me chamou de mãe – disse a mulher – foi o de um ano. Ele estava grudado na cerca e disse: "Mamãe".

E lá se vão os quatro irmãos com os seus anjos da guarda. Os quatro são muito queridos, um mais querido e mais lindo que o outro. O mais velho cuida dos demais. A de oito anos é a simpatia em pessoa. A de três anos, cabelos cacheados e loiros, agarra na mão de quem quer que seja e não a solta mais. O pequeno é chamado de Budinha, pois é a paz e o sorriso do berçário.

Talvez não saia limão de um pé de jabuticaba, mas que é possível nascer flor no meio da lama... isso é!

Os genitores, presos por tráfico, foram destituídos do poder familiar. Nem por isso, as crianças deixaram de ser flores.

Não sei se dará certo. O certo é que anjos existem. Milagres exis-

tem. O menino e a menina ao sair da minha sala me abraçaram. Acho que estavam felizes. Isso me faz chorar. Isso me emociona. Isso justifica eu ser juiz. Jamais esquecerei: sexta-feira, eu vi dois anjos.



MAURICIO DA ROSA ÁVILA

Magistrado no RS.

QUERÊNCIA

A Santiago do Boqueirão

É quando a gente nasce num lugar...
Quando a alma se ressente de infinito
E vem ter por aqui no mundo das contingências,
Que a terra nos recebe como um ventre;
É a partir dessa entrega que Deus faz
Da semente que sou à cova rasa do corpo
Que começa o amor insuspeito pelo chão.

O sorriso da vida no rosto da natureza
Vem por primeiro das coisas que há onde nascemos.
Tudo no mundo nos recebe como sendo nossa mãe.
Fica, com o tempo, um não sei que inexplicado,
Um sentido inominado de ter a alma segura
Nos braços ternos dos elementos antigos
Que remetem para memórias de ontem.

Sempre se esquece um pedaço do coração,
Espalham-se sempre fragmentos de alma
Quando se cresce na intimidade da vida,
Em estreito achego com os seres que,
Para a mente, são as letras da caligrafia
Das primeiras frases vivas com que Deus
Diz a nós com a voz do universo: Sou teu Pai!

Depois, fica difícil não ter saudade...
E eu que me vire com o que tenho
No baú corroído de u'a memória já gasta –

A lembrança é galho de pitangueira
Que arranquei pra meu bodoque
E nunca cresceu de novo.
Ficou no toco da espera.

Ah, destino velho que pitas tranquilo
Um crioulo bem fechado na porta do tempo.
Como desdenhas de nós andejos
Ansiando estradas pelas vontades de caminho.
Tu és o caminho! O fim de um não chegar!
Sabes que nunca se há de voltar
Àquele calor do ninho.



MIGUEL ANTONIO JUCHEM

Magistrado aposentado.

LARA

Lá vem Lara
No cabelo a tiara e na mão a tia Iara
Vem ladeira abaixo, com todo o facho
Creme caro na cara
Olhos esbugalhados de tão pintados
A boca a abrir num só sorrir
Lábio iluminado qual papel laminado
Anca de potranca
Seios generosos, fogosos
De saia pra sair quase sem vestir
Pé sedoso e libidinoso
A bolsinha, pequeninha, de alça fininha qual uma linha
Pernas bem raspadas, para se dar boa olhada
Na colorida unha, o arco-íris empunha.
Blusa de musa
De tez tesuda
De sorriso precioso
Com passada espaçada, nada apressada, de quem não quer nada
A provocar o masculino olhar a espia num rodopiar
Nas orelhas, brincos a brincar num saltitar
Protuberâncias para agrado de todas as instâncias
Ombro de quase assombro
Depilada qual modelo, para pelo não virar novelo
A calcinha, aquela coisa pouquinha, não se sabe se tinha
Às vezes sorriso meio disfarçado, parecendo debochado para quem
já brochado
O peito parece perfeito. Para conferir, só no deleite do leito
Dente (s) bem cuidado (s) para agrado do (s) namorado (s)
Sobre os olhos, como telhas, cuidadas sobrancelhas

Glúteos eminentes e proeminentes, de fazer homens chiar entre dentes
Lara emana igual beleza que as manas Nara e Mara
Juntas, Lara, Nara, Mara e tia Iara, o trânsito para
Lara é pouco mais que uma menina, mas é fêmea feminina
Tia Iara, fêmea feminina há mais tempo que Lara, com boa balda
ainda dá boa calda
Toda mulher carrega consigo um universo, tanto no verso como no anverso.



MIRELA RAMOS DE OLIVEIRA

Formada em Letras pela PUCRS, leciona literatura, português, espanhol e francês em Ho Chi Minh, no Vietnã.

ADÔNIS, SEU FAGUNDES E OS EXTRATERRESTRES

Acordou-se em polvorosa. Era dia 10, o dia D de todos os meses, dia da depressão, dia em que Seu Fagundes, o proprietário, vinha cobrar o aluguel, religiosamente, e levava todo o seu dinheiro. A diferença, naquele dia, era que ela estava sem um puto tostão. Por um momento, pensou ter escutado os passos lentos, arrastados do locador. Verão ou inverno vinha sempre com a mesma camiseta do Inter, manga curta, surrada, colada ao corpo, que já fazia parte da sua pele. Chegava, com seu ar de sonso – mas de sonso não tinha nada –, parecendo desejar, sadicamente, que ela não tivesse o dinheiro. E isto, desde que soubera que ela havia perdido o emprego. Fazia cinco meses. Diploma de História na gaveta, mas o único trabalho que tinha conseguido era o de vender cosméticos e perfumes, de porta em porta. A sorte é que sabia se expressar bem, convencer e vender bastante. Por isso, mantinha o aluguel em dia.

Os gastos com a comida eram arcados por Adônis, seu namorado, que sobrevivia fazendo bicos e havia aparecido em sua vida justamente na época em que ela ficou desempregada. Na verdade, ele apareceu há cinco meses e desapareceu há uma semana. O tão apaixonado e prestativo Adônis, sete noites antes, tinha ido ao bar da esquina comprar um maço de cigarros e não mais voltado. E se foi levando a carteira dela, onde estava todo o seu dinheiro, inclusive, o do aluguel.

O carro dele continuava na frente do prédio. Porém, como reza a lenda, para comprar cigarros e desaparecer tinha que ser à noite e a pé. Para furtar carteira cheia de dinheiro, é que era novidade. Fato é que ninguém sabia dele; nem os amigos, nem a família. Telefonou para os hospitais, para a polícia. Nada. Sumiço total! Segundo o dono do bar, Adônis comprou três maços de cigarros e tomou o rumo de casa.

– Cretino! Não deve ter mais pulmões! Até podia ter sumido, mas não levando o dinheiro do Seu Fagundes! Com aquela cara de tonto, de

caseiro e de homem-de-uma-só-mulher, não passava de um pilantra. Horroroso! Do Adônis mitológico, só tinha a letra A. Homem nunca mais! São todos iguais! – esbravejava.

Foi então que ouviu uns passos cambaleantes. Teve certeza de que era o Seu Fagundes, que deveria ter tomado umas e outras já no café da manhã. Tinha que, rapidamente, pensar numa saída: tombo seguido de perda de memória, furto, assalto, arrombamento, sequestro.... Enquanto imaginava a melhor desculpa, a porta se abriu e surgiu Adônis tomado de uma palidez profunda que puxava para o lilás.

– Também pudera, uma semana fumando meu aluguel – pensou em voz alta.

Atirado no sofá, entre gaguejos e soluços, com os olhos saltados para fora das órbitas, contou que tinha sido abduzido e que passara todos esses dias em uma nave, junto com outros terráqueos, sendo analisado por seres de cor azul, com pernas longas e braços curtos. Carecas. Que, ao sair do bar, virara a esquina e uma luz o sugara.

Nem quis ouvir. Foi logo cobrando:

– Cadê o dinheiro, Adônis?

– Que dinheiro?

– O dinheiro do aluguel?

– Tô te contando que fiquei uma semana cagado de medo num disco voador, com seres de outro planeta, e tu falando em dinheiro? No maldito dinheiro?

– Pois esse maldito dinheiro era o único que eu tinha para pagar o Seu Fagundes que não demora a chegar. E não adianta me dizer que esses ETs verdes...

– Azuis!

– Que seja! ...esses ETs azuis, verdes ou da cor de burro quando foge ficaram com o meu dinheiro. E agora? O que eu vou dizer pro locador? Bom dia, Seu Fagundes, o dinheiro do aluguel ficou numa nave extraterrestre, onde meu namorado passou uma semana sendo examinado por seres verdes...

- Azuis...
 - ... por seres azuis, na noite em que ...
- Gritando, Adônis a interrompe mais uma vez:
- Mas o Fagundes estava lá. Ele ficou lá!
 - Lá, onde?
 - Na nave. Eles devolveram todo mundo, mas ficaram com o Fagundes.

Mentira ou verdade, Seu Fagundes não apareceu naquele dia 10, nem nos seguintes. Ao cabo de um ano, a polícia desistiu de procurá-lo. Arquivou o caso como Desaparecido. Adônis perdeu o vício de fumar e, quase também, a namorada. Quase, só porque vendeu seu carro para restituir o dinheiro do aluguel. Daí, as coisas se ajeitaram. Não pagava mais aluguel, passou a trabalhar numa escola e continuava vendendo seus produtos de beleza.

Volta e meia, os jornais noticiavam: "OVNI foi visto sobrevoando Porto Alegre, nas imediações do Estádio Beira Rio".



NEI PIRES MITIDIERO

Juiz de Direito estadual aposentado. Advogado e escritor. Autor de Comentários ao Código de Trânsito Brasileiro - Direito de Trânsito e Direito Administrativo de Trânsito (2^a edição) e de Crimes de Trânsito e de Circulação Extratrânsito - Comentários à Parte Penal do CTB (Editora Saraiva, 2015).

CASTELOS DE AREIA

Rapazote ainda, eu caminhava pelas ruas da incipiente Camboriú e tentava vender o mundo da cultura, que, segundo a Editora, era a Encyclopédia Barsa. A vida não estava fácil. A sacola de viagem, contendo os 16 volumes da coleção ricamente encadernada, era pesada e a venda, pelo preço, exigia proverbial lábia do vendedor. E eu, iniciante na difícil arte de vender livros, estava numa enrascada dos diabos. Ainda bem que a coleção era mesmo um mundo de cultura e mero folhear dos volumes fazia as contas do mais hábil vendedor.

A praia era bonita. A areia era branca e macia. A água, límpida, e as ondas vaguejavam mansas. A ilhota dos coqueiros emergia na frente do casario rústico e branco da rua que namorava o mar. Verdejante, este se arremessava ao Sul, ao encontro das fogueiras dos fueguinos, lá na gelada Terra do Fogo.

Andava e andava, até que deparei com o velho magruço de bastos cabelos e bigode brancos. Acabrunhado, estava ele parado ao lado do Studebaker verde, modelo original de 1938. Era desse ano, sabia-o. Pudera, não era eu, então, quem a duras penas tinha o mundo da cultura na cabeça, ou melhor, na sacola.

O motor do carro fumegava, quase soltando labaredas de tão quente. Ajudei-o, levantando o capô e buscando água para o radiador. Pois é, rapaz, que cabeça a minha! Não é que me esqueci de examinar a água e quase incendeio o carro. Bem que a Raquel diz que a minha cabeça anda variando... – lamentava-se o homem bem vestido, de altura mediana, amorenado pelo sol litorâneo. Marzinho, era como o chamavam, disse-me. Vou comprar teus livros, mas vais ter que jantar comigo hoje lá em casa, logo acrescentara. Acedi. Por que não, afinal, iria vender a coleção e, ainda por cima, jantar de graça!

Sequer desconfiava do mais inesperado que estava por vir.

O homem se mostrava camarada. Agora, a sua casa era longe...,

pensava, enquanto íamos em direção à praia de Santa Luzia. Lá ficava a sua morada. Lá vais conhecer um pouco mais da minha vida – segredar-me. Achei que fosse me mostrar fotos antigas da família, como se fazia naqueles tempos.

Ao longe, ao avistar a casa de Marzinho, já começava a ver que aquele dia não era como os outros. A casa era um castelo de pedras cinza; das laterais levantavam-se, altaneiras, duas torres frontais. As paredes eram altas, e nelas se sucediam janelas avermelhadas envoltas por molduras brancas. As telhas eram francesas. Ocres, puxando a amarelas.

Chegávamos.

Ao soar da aldrona, a grande porta do castelo, então, se abria,

Na enorme sala de jantar, surgia Raquel. Os cabelos azulados, o rosto pálido e angelical, o olhar amistoso. Abraçava-nos.

Degustados os licores de pitanga da casa, viera a ceia. Uma paella recheada de camarões gigantes, mariscos, pedaços de lula e lagosta, de peixes, e mais o quê não sei. Tinha tudo que era crustáceo. Fartas rodelas de tomate e cebola, e pimentões vermelhos, amarelos e verdes davam o tom do tempero. Variadas saladas. E para beber, um encorpado vinho tinto seco da vila de Santa Luzia.

As antigas fotografias de família, porém, não vieram à sala de estar.

Em vez delas, caminhávamos pelos ocultos caminhos do pátio do castelo. Seguíamos pelos corredores, entranhávamo-nos em pequenos bosques, os quais se alternavam entre clareiras e se escondiam por detrás da muralha branca que rodeava o castelo. Ali, numa fantasmagórica e fugaz aparição, estavam Marzinho e Raquel, de mãos dadas, passeando para sempre pelos caminhos do castelo.

Foi quando, de volta à realidade, vi o lago e as duas ilhotas. As pedras, enormes, as palmeiras, viçosas, a aguada verde que as cercava. A praiazinha de areia branca. Ali, dentro do pátio do castelo, estava pedaço do mar verde da praia de Santa Luzia.

E, num piscar de olhos, já a aguada verde se fazia brilhosa. Marzinho, os cabelos dispersos, ligara intensa e clara luz branca, que se atirava

no lago. Ele era o Fantasma do Castelo. E o silêncio, quebrado apenas pelo bater de asas da garça branca que da ilhotinha alçara voo e pelo sussurrar das ondas, tomava conta do lugar.

Aos poucos, então, o murmurejar das vagas verdes e mansas começava a fazer-se acompanhar de quase inaudível cântico, que, cada vez mais, se aproximava da praiazinha. Num crescente, o cântico mavioso tomava e encantava o lugar. De súbito, cessava. Perto da margem, a água se encapelava, eriçava, enquanto cabelos negros saíam d'água e dessa emergia o rosto perfeito... da jovem mais bela.

Encontrei-a pequenina, há esquecidos anos, na areia da praia de Santa Luzia, numa noite escura em que recolhia solitária rede de pesca. O mar bravio açoitava a areia naquele julho escabroso de vento forte, e ela estava lá, indefesa, quase sem vida, olhinhos semiabertos, estirada na praia. Era o mar que nos legava, a mim e à Raquel, a filha que não tínhamos – confidenciava-me Marzinho, enquanto, por trás dele, Raquel se aproximava.

E só foi a voz maviosa da jovem que me fez acordar. Do sonho que não era sonho. Ela era verdadeira. E nos mirava, e sorria. Logo, então, submergia na água esverdeada.

A luz dos refletores se apagava. E, lá adiante, sob o luar e a luz das estrelas, ela pulava inteira ao ar, fazendo resplandecente seu restante corpo coberto de centelhas prateadas, que logo era emborcado pela água. E, num gracioso movimento caudal, ela desaparecia.

Sete voltas dei em torno da praça de Santa Luzia.

Sete vezes olhei para o mar de Santa Luzia.

Por sete vezes estive na casa do velho Marzinho.

Sete foram as vezes em que a vi,

Solitária, na praiazinha...

QUINTANA

Agora, passados 40 anos, eles vêm me atribuir o desencanto deles.
Passaram o diabo, dizem.

Só porque, no dia do casamento, o cavalo voador apareceu, mesmo, voando, dando voltas em torno da torre da igreja matriz. E o povo alegre-tense, alvorçoado, tomava conta da praça Central, do largo do Cassino e da própria casa de Deus, e não permitia, sequer aos noivos, adentrar o templo das núpcias.

E o casamento não saiu.

Mas, nada tive a ver com a algazarra, a balbúrdia toda.

Eu, modesto escriba da Gazeta do Alegrete, apenas noticei que alguém muito importante havia encomendado o voo do Pégasus com o turco da loja. E arrematei: que o Turco não era de faltar com as suas encomendas.

A culpa toda, mesmo, foi do importador, que inventou de importar o cavalo da Grécia logo no dia do casamento.

Foi dele, só podia ter sido dele, mesmo.

Foi dele, que, de tão cabeçudo (ou será Cabeça!), nunca suportou o acento no a.

Foi do Mario.



NEWTON FABRÍCIO

Desembargador do TJRS, autor do livro *Peleando contra o Poder* e editor do site www.peleando.net. Participou das coletâneas de contos 104 que contam e *A Descoberta da Cidade - Memórias em Porto Alegre*.

LA MAGNA CARTA DEL HOMBRE

Li o poema "A poesia é uma arma carregada de futuro" e parei pra pensar:

– Onde está a essência do ser humano? Onde se encontra a essência do homem?

Cada um deve ter a sua resposta.

A minha é esta:

No soy poeta.

*No puedo escribir poema así,
lleno de fuego y sensibilidad
– sin embargo, quisiera.*

Entonces, escribo algo muy menor.

*Pero, en la vida, lo que se queda,
Son actos.*

*El hombre no es los cargos
que ocupa.*

*El hombre es, solo,
Los actos de su vida.*

*Acá está la esencia del hombre:
la teimosa, continua y obstinada
marca de su vida – los actos.*

*Acá está su corazón,
las pegadas de su alma,
La marca de su vida – los actos.*

*En realidad, en la vida
hay una sola verdad:
los actos son
La Magna Carta del Hombre.*

A PODEROSA VERDADE - QUE NÃO SABE O CONDOR

No flanco esquerdo do mundo, temblando diante de três imensidões – o azul profundo e eterno do Pacífico; a imponência da Cordilheira; o nada infinito do deserto –, há uma singela faixa de areia. Naquele pequeno pedaço do Continente, insignificante e tímido frente aos gigantes da Natureza, nasceu Antofogasta, a "Pérola do Norte", a "Porta do Sol".

Olho para as três imensidões e penso na vida. O que a Natureza nos ensina?

Nada pode a fúria do mar contra o silêncio da areia da praia.

A vida vence o silêncio do vento e o sem-fim de areia, pedras e sal do deserto.

Nada pode a Cordilheira – nem a sua imponência; mais além e mais alto voa o solitário condor.

Ao planar sobre os Andes, o que pensa o condor, na solidão do seu voo, amparado apenas na força das suas asas?

Talvez, apenas, que, das três imensidões – o Pacífico, a Cordilheira, o deserto –, o único derrotado foi o Oceano.

Não percebe, porém, o condor que todo ser humano que chega à praia não olha para o silêncio da areia.

Mas para a eterna e obstinada luta das ondas do mar.



RAFAEL DIEHL FABRÍCIO

Universitário.

NÃO IMPORTA A DISTÂNCIA DA ESTRADA

O ser humano sempre possuiu sonhos de melhorar a sua vida e de sua família e, alguns, de alterar a situação de sua sociedade. A luta pela busca do que é importante para si é inerente ao homem e se constitui, muitas vezes, num dos valores mais nobres e belos existentes na essência de cada um.

Sonhos são necessários para termos objetivos na vida; para lutarmos com todas as nossas forças com a ideia de alcançar o que desejamos. Sem metas de vida, nos tornamos seres alienados, infelizes e que apenas contarão o tempo restante na Terra sem realizar nada para torná-lo especial. É preciso ter metas para podermos alcançá-las e, consequentemente, encontrar a felicidade.

Objetivos podem ser exemplificados pela vontade de se tornar um grande profissional na área escolhida, pelo desejo de constituir uma família e pelo sonho de viajar pelo mundo, conhecendo diferentes povos e aprendendo com sua cultura. O sonho mais nobre, contudo, e que provavelmente traz a maior satisfação possível, é a luta pela esperança de ajudar sua sociedade ou, quem sabe, mudar o mundo. Mahatma Gandhi, Nelson Mandela, Martin Luther King Jr. e Ernesto Che Guevara são exemplos de homens que corajosamente desafiaram a opressão que lhes era imposta e ajudaram, cada um à sua maneira, a construir um mundo diferente: um lugar mais justo, igualitário, livre da tirania e feliz.

O meio em que vivemos nunca é propício ao desenvolvimento de nossos sonhos. Sempre haverá algo ou alguém que tentará impedir a evolução da luta pessoal pelos objetivos de cada um. Contudo, devemos ignorá-los e seguir na busca pela felicidade.

Apenas assim cumpriremos nosso dever como cidadãos e como seres humanos e faremos nossa vida merecer ter sido vivida.



ROSA MARIA WEBER

Ministra do Supremo Tribunal Federal.

NO LIMIAR DA CONSCIÊNCIA

Naquele inverno as aves se recolheram mais cedo
Só os cactos persistiram ensopados
quase afogados
tanta água os invadiu e armazenaram
O silêncio resvalou em cada poro
o céu caiu
e nada percebemos

Depois nos contaram que a casa ruíra
o vento levantara o estábulo
e muitos animais morreram

Mas nada vimos
Estávamos intrincados em nós mesmos
enroscados em nossos pensamentos
a pele fervilhando indomada
aspirando o ar garganta a dentro
E quando a paz se fez
acordamos

Naquele inverno nos despedimos da inocência
e choramos ao constatar o que sobrara:
corpos arquejantes
em desenhos esboçados
palavras nuas
boiando no papel

TRÉGUA

Estávamos ali
tu e eu
desamparados
no limite do suportável
contingentes e conteúdos
tentando sobreviver

Estávamos ali
tu e eu
impotentes
sabendo do inexorável
o grande vazio
refletido no espelho

Mas estávamos ali
tu e eu
mergulhados no instante
aos risos
pele na pele
arrostando a imagem

Tão bom
Tão nós



ROSANE RAMOS DE OLIVEIRA MICHELS

Magistrada no RS.

SALDO INSUFICIENTE

Na fila do caixa eletrônico, aguardando a vez, sem um tostão no bolso, com a inquietação de sempre a afligir a mente, Renê ansiava que seu banco não lhe negasse saque. Afinal, beirando a virada do mês, ainda não conseguira ganhar nenhum páreo e já havia perdido o controle das retiradas feitas para cobrir as apostas.

Cogitou até em espiar o saldo, mas foi imediatamente acometido por um medo incontrolável. Um ano antes, sem dinheiro, ao ler na máquina "saldo insuficiente", sentiu um forte mal-estar, desmaiou e foi parar no hospital. Perdeu a chance de apostar e, o que é pior, de ganhar o Grande Prêmio com seu potro favorito.

Passou a sofrer de um estranho pânico de extrato bancário. Desde então, inseria o cartão, digitava a senha, a opção saque e ficava aguardando sem olhar mais para a tela. Ia gastando até esgotar seu saldo e exceder o limite.

O cardiologista aconselhou-o a não se envolver com assuntos triviais. Juros bancários e conta devedora não passam de meras questões venais, banais, criações da sociedade capitalista. Sua única preocupação dirigida à renda mensal, oriunda da pensão, era a de não faltar dinheiro para gastar no jogo.

Amava os cavalos, mais do que as pessoas. Não havia nada mais importante em sua vida. Nem mesmo os filhos. Havia transposto todo o seu emocional para as patas dos potros de corrida. No fundo, não sentia amor por nenhum ser humano.

A esposa havia pedido a separação de corpos, antes do nascimento do último filho, acusando-o de não trabalhar, não contribuir para o sustento da família e, ainda, dilapidar o patrimônio que um dia seria dos filhos.

Aceitou o divórcio amigável e, em troca, além de ser dispensado de prestar alimentos aos filhos, ficou acertado que a mulher lhe pagaria uma polpuda pensão mensal até que conseguisse um emprego. Passaram-se quase duas décadas...

Era muito jovem quando conheceu Adelaide, alguns anos mais velha, com seus mais de cem quilos entalados em uma porta de elevador. Ao puxá-la, auxiliado por dois amigos, caiu e ficou debaixo dela, resultando com duas costelas quebradas. Nunca mais passou fome.

Por ser muito rica, a família dela exigiu que o casamento se realizasse com separação de bens. Mesmo assim, nunca trabalhou e a esposa acabava arcando com todas as pendências financeiras. Sua última dívida de jogo custou a ela a venda de um apartamento.

Aos sessenta anos, como poderia conseguir seu primeiro emprego? Não sabia fazer nada. Antes, até fazia alguma coisa, quando ela mandava. Agora, não tinha mais a quem obedecer. Se pudesse comprar uma potranca, colocaria nela o nome de Adelaide. Ainda sentia sua falta...

Em meio a essas lembranças, Renê tornou a sentir a mesma sensação de pânico, defronte ao caixa eletrônico. Sufocado por uma fobia descomunal, estava de novo sem dinheiro, sem saber seu limite bancário e em dúvida se conseguiria apostar no azarão mais imponente com que já havia se deparado.

Cartão inserido, opção escolhida, valor e senha digitados, não escurtou o barulho característico do contar de notas. Sem olhar para o visor, com o coração acelerado, foi saindo cabisbaixo, quando alguém falou:

– O senhor esqueceu o cartão na máquina.

Rapidamente, voltou-se e não pode deixar de ler na tela: saldo insuficiente.

Acordou na UTI, ligado a vários tubos.

– Outro Grande Prêmio perdido – lamentou.

Quando conseguiu olhar à sua volta, percebeu a presença de Adelaide.

Sorriu, fechou os olhos e começou a gemer.



SILVIA OPITZ

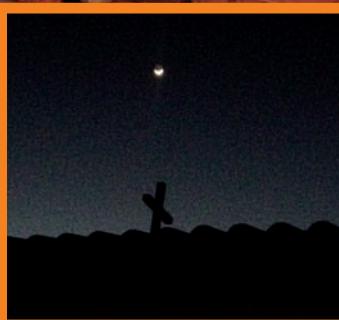
Procuradora do Estado, aposentada e advogada.

PEDIDO

No dia em que a gente se encontrar
Faz um sinal, me dá a mão, sorri.
Vem comigo, começa a conversar.
Pergunta sobre mim, me diz de ti.

Me apresenta os teus sentimentos,
Me deixa conhecer o teu passado.
Continua falando dos momentos
Que de mim viveste apartado.

Faz de mim teu presente e teu futuro.
Toma minh'alma e minha liberdade.
Como sombra seguir-te-ei, eu juro,
Nesta vida e por toda a eternidade.



**JOAL
TEITELBAUM®**
ESCRITÓRIO DE ENGENHARIA

Uma empresa de classe mundial.

